

**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE
CAMPINAS**

DOUTORADO

A ESCRITA EM GESTO: UM CASO DE SURDEZ

Lucia Maria Nunes

2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

N922e	Nunes, Lúcia Maria. A escrita em gesto : um caso de surdez / Lúcia Maria Nunes. - Campinas, SP : [s.n.], 2004. Orientadora : Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Escrita. 2. Surdez. 3. Corpo. 4. Significante. I. Leite, Nina Virgínia de Araújo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	---

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Lucia Maria Nunes

A ESCRITA EM GESTO: UM CASO DE SURDEZ

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora:
Nina Virgínia de Araújo Leite

Banca Examinadora
Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite
(IEL/UNICAMP)

Profa. Dra. Ângela Maria Resende Vorcaro
(DERDIC-PUC/SP)

Profa. Dra. Maria Rita Salzano Moraes
(IEL/UNICAMP)

Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras
(UNIBERO/SP)

Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli
(UFG/GO)

**Campinas - SP
2004**

Para minha mãe Vilma e meus filhos
Diego, Luciana e Tiago

Ao meu pai pelo nome

Ao meu amor

AGRADECIMENTOS

À Nina, pelo lugar.

À Sozy minha “irmã do coração.

À Rô pelo carinho e força.

À Mariângela, pela escuta.

À Maria Rita, pelo exemplo de coragem.

À Viviane pelo carinho dos encontros.

À Ângela Vorcaro pela direção.

À CAPES pela bolsa.

SUMÁRIO

RESUMO	15
ABSTRACT	17
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	
O desejo de saber	
1. Do que me interroga	23
2. De corpos privados do sentido da audição	25
CAPÍTULO 2	
A construção de um corpo que fala	
1. A perspectiva da psicanálise: o nascimento do sujeito	41
2. Que corpo? De que corpo se trata na psicanálise?	47
3. A linguagem na teoria freudiana	52
3.1. O aparelho psíquico: as inscrições	57
3.2. Como se dá a inscrição da letra no corpo?	64
4. A entrada da criança no simbólico	65
CAPÍTULO 3	
A origem da escrita	
1. Hipótese	79
2. A escrita: lugar psíquico de constituição desubjetividade	85
3. Assim, era uma vez	86
3.1 Sobre o real da surdez o que se pode dizer?	92
3.2 Da inscrição significante	94
3.3 Do exílio causado pela oralização à língua de sinais	96
3.4 Do momento da escrita quando “as palavras não grudam”	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ANEXO	115

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre a produção escrita de Elaine, uma jovem com surdez bilateral profunda, sob o ponto de vista da psicanálise. Isso significa a inclusão do sujeito como efeito de linguagem, em que a produção escrita é aqui considerada como a manifestação de uma inscrição subjetiva.

A opção pelos conceitos psicanalíticos abre um lugar de oposição relativamente aos métodos de observação, à marginalização do singular e à noção de desenvolvimento.

Assim, sigo a linha aberta por Freud quanto à iluminação dos processos ditos “normais” pela exploração da patologia, argumentando com Leite(1999) que a integridade do organismo não constitui condição suficiente para a aquisição da linguagem, no sentido de que a inclusão do sujeito na língua não configura um ato redutível à esfera cognitiva ou mesmo biológica, mas leva a considerar a estruturação do sujeito em uma trama confeccionada na lógica da efetuação da função da fala no campo da linguagem.

O conceito de linguagem aqui adotado me permitiu analisar os textos escritos tematizando a relação corpo/linguagem. Estabelecer essa relação é poder dizer algo da constituição da estrutura psíquica de Elaine, do que pode ter se inscrito no corpo e o que disso presentifica-se como efeito na escrita. Para tanto, trago a hipótese da origem da escrita que resultou das pesquisas freudianas retomadas por Lacan. Essa hipótese fundamenta minha tese de que a relação de Elaine com a escrita reflete uma estruturação psíquica, fruto da singularidade característica com que cada sujeito entra no simbólico ao contrário de ter sido determinada somente por procedimentos educacionais.

Palavras-chave: escrita, surdez, corpo, significante.

ABSTRACT

This work ponders on the written production of Elaine, a youth bearing deep bilateral deafness, from the perspective of psychoanalysis. This means the inclusion of the subject as an effect of language, in which the written production is considered as the manifestation of a subjective inscription.

The option for the psychoanalytic concepts opens up a locus of opposition to the methods of observation, to the marginalizing of the different, and to the notion of development.

Thus I follow the line inaugurated by Freud in relation to the illumination of the so-called “normal” processes by the exploitation of the pathology. I argue, following Leite(1999), that the integrity of the organism is not a sufficient condition for the acquisition of language, in the sense that the inclusion of the subject in language does not constitute in itself an act which can be reduced to the cognitive or biological spheres but makes one consider the structuration of the subject in a tissue woven in the logic of the effectuation of speech in the field of language.

The concept of language here adopted allowed me to analyze the written texts which emphasized the relationship body/language. Establishing this relationship means being able to say something about Elaine’s psychic structure, about what may have been inscribed in her body and how much of this can be present in her writing as an effect. In order to achieve this, I bring forth the hypothesis of the origin of writing that resulted from Lacan’s rereading of Freudian researches. This hypothesis is the basis of my argument that Elaine’s relation to writing reflects a psychic structure which is the result of the characteristic singularity with which every subject enters the symbolic order, instead of having been determined by educational proceedings only.

Key words: writing, deafness, body, signifier.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão sobre a produção escrita de Elaine, uma jovem com surdez bilateral profunda adquirida por volta dos dezoito meses.

A aquisição da linguagem pelo sujeito surdo é alvo de pesquisas na área da educação, das ciências médicas, da pedagogia e da lingüística, que evocam diferentes abordagens que possibilitem aos surdos um lugar na comunidade dos ouvintes. A história sobre a surdez mostra que, em nome desse lugar, a singularidade do real da surdez é esquecida tanto na segregação quanto na inclusão. O diferente assusta, intimida, provoca um não saber o que **fazer** e isso faz relegar o **ser**. É neste **fazer** que se incluem as metodologias de aprendizagem e os tratamentos fonoarticulatórios.

Este trabalho preocupa-se com o **ser** que é pensado na sua anterioridade - em um discurso que o precede - e que o determina: um sujeito efeito de linguagem. Isto significa lidar com a articulação do real do organismo com o significante, numa relação entre o corpo e a linguagem, sustentada pela hipótese de Lacan sobre a origem da escrita.

Por essa via, tento responder às questões que me interrogaram nos textos escritos de Elaine, o que me permite questionar teorias que estabelecem uma relação de causa e efeito entre o déficit auditivo e tipologias descritivas dentro de uma concepção desenvolvimentista.

Inicialmente, na impossibilidade de nomear o que me interrogava, fui capturada pelo que chamei de “estrangeiridade”, aquela semelhante à de falantes de outra língua, presente nos textos de Elaine e de seus colegas surdos. Essa estrangeiridade foi nomeada por muitos pesquisadores como resultado do entrecruzamento da língua de sinais e de outros registros aos quais os surdos estão expostos.

No entanto, o que se apresenta como questão deste trabalho é a condição de estranheza que aloca o sujeito na particularidade desta escrita. Por isso, a escrita é aqui tomada como lugar psíquico de manifestação da subjetividade.

Na primeira parte do trabalho, situo o que me interroga e apresento um pouco do que diz a história e alguns trabalhos da área de aquisição da linguagem e da escrita na surdez. Isto constitui um discurso, no qual Elaine tem um lugar e, cujos efeitos, se atualizam na sua produção escrita.

A segunda parte diz da construção de um corpo que fala, ou seja, de como esse corpo é capturado pela linguagem. Sigo a noção de linguagem da teoria freudiana através da constituição do aparelho de linguagem e do aparelho psíquico, o que me permitiu elaborar de que corpo se trata na psicanálise, das marcas psíquicas que nele se inscrevem e reinscrevem, revelando o processo de constituição do aparelho psíquico como uma escrita. Por estar tratando de um caso de surdez, essa parte diz, também, de como se dá a construção do sentido dentro e fora da fonemática e do que possibilita a entrada da criança no simbólico.

A terceira parte elabora a relação entre a hipótese sobre a origem da escrita e a escrita de Elaine. Essa hipótese relaciona a escrita alfabética com a relação que o sujeito mantém com o inconsciente. Aqui mostro momentos de ruptura, escansões, marcadas pela entrada de novos registros (gestos, oralidade, língua de sinais, escrita) que certamente produziram efeitos na estrutura psíquica de Elaine. É essa estrutura, da qual a escrita é efeito, a questão deste trabalho.

A não separação entre corpo e linguagem é uma das contribuições que esta tese pode trazer para os estudos sobre a linguagem, especialmente na surdez¹. Para o sujeito surdo o corpo é investido de forma diferenciada, ou seja, sua voz ou a do outro não atinge seu ouvido, mas seu corpo que se constitui como uma verdadeira caixa de ressonância. Portanto, é determinante considerar o lugar ocupado pelo

¹ O projeto SEMASOMa, do qual faço parte como pesquisadora, desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas coordenado pela Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite, é responsável pelas tentativas de inclusão do corpo nos estudos da linguagem, consagrando a inédita forma de grafar corporeidade numa só palavra, conforme proposta de Ana

corpo do surdo no processo de aquisição da linguagem, da escrita. É o que este corpo diz sem saber que é preciso decifrar.

CAPÍTULO 1

O desejo de saber

“O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta”¹.

1. Do que me interroga

Envolvida com a questão da subjetividade na produção escrita em língua estrangeira – trabalho desenvolvido sob o ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa ²- e sob o efeito de um deslocamento teórico que fez intervir conceitos exteriores ao domínio da lingüística, deparei-me com textos produzidos por sujeitos surdos. Havia um lugar comum nos textos, que despertava, ao mesmo tempo, um efeito de familiaridade e de estranheza. Iniciava-se a construção do meu projeto para o doutorado e a possibilidade de continuar questionando um dizer que me parecia estar sempre “fora”, de não fazer parte do sujeito.

Comecei a ter encontros com um grupo de surdos adolescentes de um curso supletivo, na tentativa de decidir como e o que fazer para propor-lhes um trabalho com a produção escrita. O grupo divertia-se com as confusões provocadas pela minha total falta de conhecimento da língua de sinais e com a artificialidade com que eu articulava as palavras para que fizessem a leitura labial.

De imediato, percebi a dificuldade em trabalhar com o grande grupo, principalmente pela sua resistência à atividade com a escrita, pois como eles próprios diziam “escrever muito difícil”. Por isso decidi trabalhar apenas com Elaine –

¹ Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.301.

uma jovem com surdez bilateral profunda adquirida após um ano de idade. Ela aceitava melhor o trabalho com a escrita, o que na minha busca era fundamental, além do fato de que o meu acesso aos seus familiares revelou-se fácil e tranquilo.

A “estrangeiridade” dos textos escritos de Elaine³ era familiar, mas havia algo mais e fui tomada pelo desejo de resposta, apesar do vazio que se fez ouvir inicialmente. A “estrangeiridade”, a que me refiro, é semelhante à de um falante de outra língua. As frases curtas, a falta de conectivos, os verbos não flexionados (ou flexionados de forma não usual), léxico restrito, a ingenuidade das descrições eram também características dos textos escritos por meus alunos de Inglês como língua estrangeira.

Os textos foram produzidos através do “diário dialogado” (Dialogue Journal Writing), que é definido por Kreeft⁴ como um caderno de notas em que o aluno escreve regularmente sobre um ou mais tópicos de sua escolha e o professor responde, estabelecendo uma “conversa” por escrito. Dessa forma, utilizei a mesma atividade experienciada na pesquisa anterior sobre a subjetividade na língua estrangeira, tomada pela possibilidade de continuar questionando, sob um outro ponto de vista, um dizer que parecia estar “fora” do sujeito.

Muitas foram as questões surgidas inicialmente: seria a escrita do português uma língua estrangeira ou uma segunda língua para esses sujeitos surdos? O que estaria aí se inscrevendo? Uma língua gestual desenvolvida com os pais e familiares durante os primeiros anos de vida? Ou uma fala adquirida por treinamento durante o processo de oralização⁵ a que a jovem deste estudo foi submetida após os cinco anos de idade? Ou a LIBRAS⁶, adquirida na adolescência? Seria a escrita atravessada por todos esses registros?

As possibilidades de resposta estavam em momentos que antecederiam aquela produção escrita e para além do que ali se inscrevia. Refiro-me à singularidade que

² Billerbeck, Lucia Maria Nunes. Manifestações do Sujeito: uma análise discursiva de diários dialogados em LE, Dissertação de Mestrado, Unicamp, Campinas: São Paulo, 1995.

³ O leitor encontrará em ANEXO alguns dos textos produzidos durante a troca de diários dialogados.

⁴ Kreeft, P. J. What is a Dialogue? Dialogue 2, no.1, 1984, pp.2-4.

⁵ A oralização, ou abordagem oralista, foi legalizada em 1880 em Milão, no Congresso Internacional de Educadores de Surdos, e determina a obrigatoriedade do uso exclusivo da língua oral.

tece a relação de Elaine com a linguagem, aos discursos construídos pela história sobre a surdez e aos trabalhos sobre a educação dos surdos. Por isto, foi preciso pensar na relação entre esses momentos sob uma determinada perspectiva. Como o lugar teórico no qual eu transitava já estava sendo atravessado por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, todas as interrogações deste trabalho estarão sendo consideradas sob o ponto de vista da psicanálise. Isto significa a inclusão do sujeito como efeito de linguagem, e a produção escrita aqui é considerada como a manifestação de uma inscrição subjetiva em um ser.

Assim, para pensar sobre a produção escrita de Elaine, sigo a linha aberta por Freud quanto à iluminação dos processos ditos "normais" pela exploração da patologia que, como lembra Leite em *A Lingüística e Outros Saberes*⁷, possibilita a argumentação de que a integridade do organismo não constitui condição suficiente para a aquisição da linguagem, no sentido em que a inclusão do sujeito na língua não configura um ato redutível à esfera cognitiva ou mesmo biológica, mas leva a considerar a estruturação do sujeito em uma trama confeccionada na lógica da efetuação da função da fala no campo da linguagem.

Dessa forma, vislumbra-se uma outra possibilidade de olhar para a relação do sujeito surdo com a linguagem. Tradicionalmente, tal relação tem sido considerada de mera causa e efeito com o déficit auditivo, estabelecendo tipologias descritivas dentro de uma concepção desenvolvimentista, que explicam a constituição do sujeito pela evolução de um sistema de necessidades, em um corpo que tenderia à acumulação adaptativa. A noção de desenvolvimento se pauta pela complexificação de um equilíbrio crescente (um estado de maior equilíbrio superaria o estado precedente e a este jamais retornaria), ou seja, em uma sucessão de fases ou etapas cronológicas, de mudanças qualitativas observáveis nos registros somático, fisiológico e comportamental da criança, e que faz referência a um sistema explicativo.

⁶ LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais - é o modo como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos faz referência à língua de sinais dos surdos brasileiros.

⁷ Nina V. de Araújo Leite. *A lingüística e outros saberes*. Trabalho apresentado no GEL, 1999.

A opção pelos conceitos psicanalíticos abre um lugar de oposição em relação aos métodos de observação, à marginalização do singular e à noção de desenvolvimento. Nessa área, os sinais observáveis cedem lugar ao “sintoma”⁸, o que significa um rompimento com a noção de sujeito construído pela psicologia do desenvolvimento, pois, nos termos de Leite⁹, não é possível compatibilizar a noção de desenvolvimento com uma abordagem psicanalítica da estruturação do sujeito falante, pois apesar da possibilidade de identificar períodos em que certas manifestações prevalecem, não se trata de um tempo a ser superado pela criança, uma vez que, na contingência, uma formação do inconsciente pode sempre vir a atualizar-se. Segundo a autora, o processo de estruturação do sujeito falante é aqui pensado

“como o da construção de um corpo que fala, evidenciando que nesse processo de entrada no simbólico, ou de “aquisição” da linguagem, está se lidando com a articulação do real do organismo com o significante, como fundamento da linguagem. A realização dessa tarefa está na dependência, em um primeiro tempo, do imaginário materno que articula em seu tecido tanto o simbólico do lugar da criança quanto as palavras e imagens que o qualificam”¹⁰.

É por isso que, para Leite¹¹, “denomina-se simbólico o gesto que promove a entrada da criança na linguagem”.

Na surdez, o processo simbólico de entrada da criança na linguagem se faz de maneira diferente, ou seja, a falta da sonoridade da voz materna deverá ser suplantada pelo que Bergés & Balbo¹² chamam de *competência do corpo como receptáculo*.

⁸ Chemama R. (org.) Dicionário de Psicanálise, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995, p. 203, define sintoma como um “fenômeno subjetivo que constitui, para a psicanálise, não o sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente”.

⁹ Leite, N. V. Sobre a Singularidade. Cadernos de Estudos Lingüísticos, no.38, Campinas: São Paulo, 2000, pp.39-49.

¹⁰ Idem, p.43.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Bergés, J.; Balbo G. A criança e a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, pp.204-205.

Assim, para teorizar sobre a entrada de Elaine na linguagem fiz relações entre o que foi possível conhecer sobre a sua história e o que poderia estar se presentificando como efeito dessa história, em suas produções escritas.

Como já mencionado, é importante lembrar que essa história está imersa na rede simbólica da linguagem que lhe é anterior, pois, como diz Contardo Calligaris em *Indivíduo e Sociedade*¹³ não somos seres da natureza, já nascemos na cultura. Nascemos nesse fluxo de produção discursiva que é a cultura, onde nosso lugar já está previsto, onde já somos esperados, em que já temos um nome de família.

Há um discurso sobre a surdez que circula há quase três séculos e seus efeitos podem ser sempre atualizados pelo discurso médico, nas instituições educacionais, através das metodologias de ensino, na comunidade surda, nas famílias, nos gestos das mães, na produção escrita de Elaine.

Assim, a reflexão que esta tese constrói passa a fazer parte desta rede discursiva, sendo o resultado do efeito de um sujeito surdo sobre o pesquisador ouvinte. É preciso deixar claro que a aproximação ao sujeito surdo se deu a partir desses efeitos. Não se trata, portanto, de um caso clínico - quando o questionamento é dirigido a um saber inconsciente, construído na particularidade do método clínico de investigação da psicanálise.

2. De corpos privados do sentido da audição

Em seu livro “*Vendo Vozes*”, Oliver Sacks¹⁴ introduz o mundo das questões suscitadas pela surdez. Segundo o autor, a situação das pessoas surdas

"antes de 1750 era de fato uma calamidade: incapazes de desenvolver a fala, e portanto "mudos", incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com seus pais e familiares, restritos a alguns sinais e gestos rudimentares, isolados, exceto nas grandes cidades, até mesmo da comunidade de pessoas com o mesmo problema, privados de alfabetização e instrução, de todo o conhecimento do mundo, forçados

¹³ Contardo Calligaris, *Sociedade e indivíduo*, in Fleig, M. *Psicanálise e Sintoma Social*, São Leopoldo: Unisinos, 1997, pp. 183-196.

¹⁴ Sacks, O. *Vendo Vozes - Uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.27.

a fazer os trabalhos mais desprezíveis, vivendo sozinhos, muitas vezes à beira da miséria, considerados pela lei e pela sociedade como pouco mais do que imbecis - a sorte dos surdos era evidentemente medonha"¹⁵.

Nessa época, a voz e o ouvido eram os únicos e verdadeiros meios de o homem falar com Deus: como tolerar a idéia de as almas dos surdos viverem e morrerem sem serem ouvidas em confissão, privadas do Catecismo, das Escrituras, da Palavra de Deus?

Antigas vozes já haviam anunciado a salvação desses condenados ao limbo, mostrando outros caminhos, como o comentário de Sócrates no Crátilo de Platão¹⁶, que sugere a possibilidade de um "corpo que fala":

"Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejássemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo?"

E como, no século XVI, a do médico-filósofo Cardano¹⁷, que já supõe a escrita independente da fala:

"É possível dar a um surdo-mudo condições de ouvir pela leitura e de falar pela escrita (...) pois assim como diferentes sons são usados convencionalmente para significar coisas diferentes, também podem ter essa função as diversas figuras de objetos e palavras...(...) Caracteres escritos e idéias podem ser conectados sem a intervenção de sons verdadeiros".

Foi assim que, em nome de Deus e através de uma metodologia criada pelo Abade L'Epée, fundador da escola de Paris, surge um sistema de sinais - uma combinação da língua de sinais nativa com a gramática francesa traduzida em sinais - que permitia aos alunos surdos escrever o que lhes era dito por meio de um intérprete que se comunicava por sinais. Esse método pela primeira vez permitiu que alunos surdos lessem e escrevessem em francês.

¹⁵ Oliver Sacks, 1990, op. cit.

¹⁶ Idem, p.29.

¹⁷ Idem, ibidem.

O momento marca o estabelecimento de escolas especiais e a entrada dos surdos como parte da sociedade, não só na França, mas em várias partes do mundo. Foi um grande impulso na educação e emancipação dos surdos que segue, com muitos méritos, até 1870, quando irrompe um movimento geral de opressão às minorias lingüísticas, étnicas e religiosas que questiona a validade do uso dos sinais sem a fala: não deveriam os surdos aprender a falar, ler lábios e serem integrados à população em geral? A comunicação por sinais não deveria ser proibida, para não interferir na fala?

Em 1880, o Congresso de Milão vota a favor do oralismo, em que o ensino exclusivo da fala é proclamado como superior ao gesto, com o argumento de que o "deficiente auditivo" sofre de uma patologia crônica, traduzida por lesão no canal auditivo e/ou em área cortical que constituiria um obstáculo à "aquisição normal" da linguagem, demandando intervenção clínica para a restituição da fala. A linguagem é considerada um código de formas e regras estáveis que tem na fala precedência histórica e na escrita sua via de manifestação mais importante. Predomina o ouvintismo, que compõe um conjunto de representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos. O oralismo determinou a proibição do uso dos gestos com castigos corporais e contou, segundo Skliar¹⁸,

"com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área de saúde, dos pais e familiares dos surdos, dos professores e, inclusive, daqueles surdos que representavam e representam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia".

Apesar dos grandes investimentos em escolas oralistas, dos árduos anos de treinamento auditivo, de leitura labial, de estimulação dos órgãos fonatórios etc, nada disso parecia oferecer qualquer garantia de sucesso no "tratamento dos deficientes auditivos".

Foi somente nos anos 60 que historiadores e psicólogos, bem como pais e professores de crianças surdas começaram a pensar sobre um possível sistema

¹⁸ Skliar, C. Os estudos surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Ed. Mediação, 1998, pp.16-17.

combinado de sinais e fala. Dessa forma, os surdos poderiam tornar-se versados em ambas as línguas. Sugere-se, ainda, uma língua intermediária entre a língua do país e a de sinais (no caso do Brasil um português sinalizado). Essa categoria remonta há muito tempo atrás - à época dos "Sinais Metódicos" concebidos por L'Epée - os quais eram uma tentativa de criar um meio-termo entre o francês e a língua de sinais. Mas, como diz Sacks¹⁹,

"as verdadeiras línguas de sinais são, de fato, completas em si mesmas: sua sintaxe, gramática e semântica são completas, possuindo, porém, um caráter diferente do de qualquer língua falada ou escrita. Assim, não é possível transliterar uma língua falada para a língua de sinais palavra por palavra ou frase por frase - suas estruturas são essencialmente diferentes".

Essa proposta intermediária foi denominada Comunicação Total (CT) e, ainda hoje, é largamente utilizada nas escolas para surdos, envolvendo o emprego de sinais, criados para marcar aspectos gramaticais da língua oral, o desenho, a expressão corporal, o treino auditivo, a estimulação dos órgãos fonoarticulatórios, a escrita, enfim, uma combinação indiscriminada de recursos.

Antes de 1960 os sinais utilizados na chamada Comunicação Total ainda não eram considerados uma "língua", mas um tipo de pantomima, uma língua pictórica ou uma "espécie de escrita de figuras no ar".

Foi o lingüista americano William Stokoe²⁰, em 1960, o primeiro a buscar uma estrutura e a analisar os sinais, percebendo que a língua de sinais satisfazia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, ou seja, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar um número infinito de proposições. Seu trabalho demonstra que cada sinal léxico é formado por quatro parâmetros: localização no corpo do locutor ou no espaço situado diante dele, configuração das mãos, movimento executado e orientação das mãos. Essas unidades são dotadas de sentido comparando-se aos fonemas das línguas sonoras. As menores unidades dotadas de sentido (os signos) se organizam em frase gestual cuja sintaxe tem regras próprias.

¹⁹ Sacks, O., 1990, op. cit. p.42.

²⁰ Stokoe, W.C. (1960) *Sign Language Structure*. Reedição. Silver Spring. Maryland, Linstok Press.

Para Sacks²¹,

"a característica isolada mais notável da língua de sinais - que se distingue de todas as demais línguas e atividades mentais - é seu inigualável uso lingüístico do espaço. A complexidade desse espaço é esmagadora para o olho "normal", que não consegue ver, e muito menos entender, o tremendo emaranhado de seus padrões espaciais".

E isso, diria Lacan²², é porque "se você ficar fascinado pelas mãos de seu interlocutor, não registrará o discurso falado por suas mãos". É do jogo dos gestos como sinais significantes que se produz o significado e não do nível sensorial do fenômeno, captado unicamente pela visão.

O trabalho de Stokoe revoluciona o meio científico que se volta para a língua de sinais e seus substratos cognitivos e neurais, provocando, também, mudanças culturais e políticas.

Em *Implicaciones Teóricas (y de las otras) Del "Descubrimiento" de Stokoe*, Luís Ernesto Behares²³ expõe suas reflexões sobre as importantes mudanças do conceito de surdez dos últimos 30 anos. Essas mudanças implicariam as viradas teóricas nas ciências sociais, na dinâmica dos diagnósticos psicológicos, nas tendências educativas, no reconhecimento social da diferença e nas concepções médicas sobre os surdos.

De acordo com Behares²⁴, todas essas mudanças estão relacionadas ao que ele denomina como "descobrimento de Stokoe", que funda a lingüística das línguas de sinais. A língua de sinais passa a ser reconhecida como língua nas comunidades surdas, o que desencadeia múltiplos estudos sobre a surdez no campo da lingüística. A educação dos surdos deixa de pertencer exclusivamente ao discurso médico - que relaciona surdez e deficiência - para questionar as diferenças lingüísticas, assim como os valores sociais a elas atribuídos.

²¹ Oliver Sacks, 1990, op.cit., p.98.

²² Lacan J. (1988) Seminário 3: *As Psicoses*. Texto estabelecido por J. Miller, trad. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p.158.

Trabalho apresentado por Luís Ernesto Behares no IV Congresso Latino-americano de Educação Bilingüe do Surdo, Santa Fé de Bogotá, outubro de 1997.

²⁴ Idem, ibidem.

A sistematização do gesto em Língua de Sinais marca o aparecimento de muitos estudos sobre a relação da criança com a língua, como é possível constatar em *A Identidade Surda e Língua de Sinais*, de Behares²⁵.

O autor situa na década de 70 e parte da de 80 trabalhos sobre a aquisição da língua de sinais como primeira língua²⁶ no caso de crianças surdas filhas de pais surdos. Tais pesquisas têm caráter observacional com objetivos descritivos e levantam questões como a passagem do gesto ao sinal da língua e a relação dos sinais com a iconicidade.

A maior parte dos trabalhos refere-se à aquisição da linguagem de crianças surdas filhas de pais ouvintes, em que a relação mãe-ouvinte/criança-surda torna-se foco de reflexão para a psicolingüística na década de 70.

Sobre a relação mãe-ouvinte/criança-surda, Behares diz que as crianças surdas têm um acesso limitado ou nulo à fala da mãe e entre elas se constituem formas simbólicas com base em seus recursos gestuais que são chamados de “simbolismo esotérico”²⁷. A partir daí, ainda segundo Behares, o simbolismo esotérico foi estudado pelo “interacionismo empiricista” que vê nessa “linguagem” um empecilho ou desvio do processo de aquisição da linguagem. Para os inatistas, ela é produto da competência lingüística inata funcionando por si, e para os sócio - construtivistas –e - aí Behares aponta o trabalho de doutorado de Pereira²⁸, revela o estatuto construtor da participação do outro pois, conforme a autora, “é a interpretação materna que confere às vocalizações e aos gestos da criança inscrição no plano simbólico”.

²⁵ Trabalho final apresentado por Behares para a disciplina “Tópicos em Análise do Discurso, ministrada pela professora Nina Virgínia de Araújo Leite, no primeiro semestre de 1995, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

²⁶ Bellugi, U.; E. Klima. The roots of language in the sign talk of the deaf, *Psychology Today*, 1972; Boyes-Broem, P. (1973) A study of the acquisition of DEZ in ASL, Working Papers, Salt Institute for Biological Studies, La Jolla; Wilbur, R. E M. Jones. Some aspects of the bilingual/bimodal English by three hearing children of deaf parents. Papers from the 10th regional meeting. Chicago, Linguistic Society, 1974 e outros.

²⁷ Tervoort, R. T. (1961) Esoteric Symbolism in the communication of young deaf children. *American Annals of the deaf* 106, pp.436-480.

²⁸ Pereira, M.C. (1989) *Interação e Construção do Sistema Gestual em crianças deficientes auditivas filhas de pais ouvintes*. Tese de Doutorado, IEL, Unicamp, Campinas.

Behares afirma que esses estudos não tratam adequadamente das relações do simbolismo esotérico com as línguas que aparecerão no universo social/lingüístico da pessoa surda: a língua oral e a língua chamada de sinais. O autor propõe que se deva repensar a emergência do simbolismo esotérico como efeito do funcionamento lingüístico materno. Postula que o funcionamento lingüístico se funda nas relações entre significantes e não entre signos combináveis. Nesta perspectiva o sujeito é considerado o efeito dessas relações entre significantes e, portanto, da deriva constitutiva da língua. O sujeito não fala, mas é falado e, assim, torna-se prisioneiro do funcionamento lingüístico. Adquirir linguagem é, portanto, ser cativado por uma língua particular. A mãe é, sob esse prisma, o lugar desse funcionamento, apresentado à criança que nele se espelha. A partir disso Behares²⁹ conclui:

“O simbolismo esotérico é o efeito da interpretação da mãe a partir de sua língua(oral), mas não é nem dá por resultado a língua oral. A língua da mãe e a língua da criança vão diferir sempre. A questão da língua materna tem a ver com o assujeitamento: ela é aquela língua na qual e em relação à qual o sujeito é determinado como efeito. A criança surda é o efeito de uma língua que ela não fala, ou melhor, na qual ela não poderá se espelhar, não poderá se escutar. Embora seja falada numa língua determinada, esta não se tornará ‘sua língua’, não será ‘língua materna’”.

Reafirmando a importância dos efeitos da relação entre mãe ouvinte e a criança surda desde o nascimento está o trabalho de Glass³⁰, que discute a questão da coesão na produção textual do surdo. A autora nega que os problemas de coesão possam ser associados à interferência da língua de sinais ou aos métodos utilizados na educação formal, como argumentam muitos pesquisadores, mas sugere que a resposta para esta questão pode ser encontrada em outro lugar: no processo de aquisição da linguagem oral propriamente dita. O sucesso lingüístico estaria

²⁹ Trabalho final apresentado por Behares para a disciplina “Tópicos em Análise do Discurso, ministrada pela professora Nina Virgínia de Araújo Leite, no primeiro semestre de 1995, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

³⁰ Glass, M.H.F. Problemas de Coesão na Produção Textual do Surdo: Interferência das Língua(gens)s de Sinais? Campinas, IEL, Unicamp, 1997.

diretamente ligado à qualidade da interação entre o adulto e a criança, e não propriamente à língua utilizada aí.

De acordo com Glass³¹,

"a criança estabelecerá com a mãe (ou interlocutor mais próximo) uma linguagem em que o oral e o gestual se misturam, mas é levada a desprezar essa linguagem em nome da expressão de prestígio - a oral - cuja aprendizagem usualmente se dá não apenas através do controle das técnicas vocais como através da relação dessas técnicas com sua representação gráfica: o falar espelhado pelas letras. Como a fala, neste contexto, é artificial - pura reafirmação da técnica de articulação dos sons, a escrita vai apenas refletir tal artificialidade. (...) Assim, o que normalmente se vê ao longo do processo de aquisição da linguagem oral-auditiva por parte do surdo é uma desvalorização da linguagem já estabelecida em nome do domínio de uma técnica".

Submetidos a técnicas para aprender a articular os sons da língua, à língua de sinais e a todo tipo de artifícios para se fazerem entender, surdos e ouvintes acabam emaranhados em uma mistura de línguas o que, segundo Glass³², dificulta ou impossibilita o aprendizado de qualquer uma delas.

Muitos trabalhos que relacionam o fracasso escolar dos surdos a essa diversidade de recursos - herança da Comunicação Total - consideram que seus efeitos poderiam estar presentes na aquisição da fala e da escrita, como atesta o trabalho de Góes³³ ao discutir a relação do surdo com a escrita.

A pesquisadora trabalhou com grupos de alunos do ensino supletivo, inseridos nas diretrizes da CT, o que significa que, nas interações em sala de aula, entrelaçam-se recursos semióticos, ou seja, sinais, fala, escrita, soletração manual, desenho, gestos etc.

Entre os problemas identificados nos textos está o uso inadequado ou omissão de preposições, terminação verbal que não correspondente à pessoa do verbo, alternância inadequada entre presente e passado, flexão imprópria de gênero em adjetivos e artigos, escolha lexical indevida, como por exemplo, a inserção de palavras com significado não convencional ou de palavras criadas, ordenação

³¹ Idem, p.12.

³² Idem, ibidem.

³³ Góes, M.C. de. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

inadequada de constituintes no enunciado, restrição lexical, falta de polissemia e elaboração conceitual restrita, marcada por enlaces vivenciais e perceptuais imediatos

Ao escrever, os alunos utilizam recursos de sua língua de sinais, e isso, segundo Góes³⁴), fortalece a suposição de que os textos foram construídos com apoio parcial das regras da LIBRAS, o que poderia explicar em grande parte as características da escrita. Os alunos estariam produzindo uma escrita com alternância e justaposição das duas línguas.

Outra hipótese levantada pela autora para esta "mistura" de línguas está no fato do surdo ser bilíngüe - falar a língua de sinais e ser oralizado - e que, quando em interação monolíngüe, não desativa totalmente a outra língua. Diz ainda que os alunos poderiam estar utilizando na escrita recursos comunicativos semelhantes ou equivalentes àqueles presentes nas trocas sociais face-a-face, marcados por composições híbridas de duas línguas.

Em entrevistas individuais, os alunos foram solicitados a caracterizar as dificuldades que enfrentam na atividade de escrita e leitura e a explicar distinções e semelhanças que estabelecem entre a língua portuguesa e a LIBRAS. Referente a essa questão, a autora esclarece que

"as perguntas que incluíam menção às duas línguas precisavam ser completamente reformuladas, porque alguns alunos pareciam atribuir significado não convencional ao termo "português", e que outros nem o conheciam (mesmo enunciado em LIBRAS)"³⁵.

Sobre a leitura e escrita, eles se referiam quase que exclusivamente ao domínio insuficiente de vocabulário, dizendo que "*o problema é não conhecer palavra*". Deixam claro que não reconhecem a existência de mais de uma língua, ou seja, fala, escrita e sinais são concebidas como modalidades de uma mesma categoria.

³⁴ M. C. Góes, 1996, op. cit.

³⁵ M. R. Souza, 1996, op. cit.

A pesquisadora salienta que a situação de entrevista e as interações em sala de aula, nas quais foram utilizados recursos visuais, gestuais e gráficos, na verdade reproduziam e corroboravam esta noção de não distinção entre as diversas modalidades comunicativas.

Maria Regina de Souza³⁶ também evidencia os efeitos dessa multiplicidade de recursos. A autora demonstra que o espaço ocupado pela abordagem oralista e o advento da Comunicação Total se entrelaçam ao uso da LIBRAS nas interações em sala de aula, e o resultado é a não partilha de uma língua comum.

A entrada dos sinais nas escolas na década de 80 mostra que itens lexicais da LIBRAS eram utilizados por professores e técnicos como apoio visual para as palavras proferidas. A falta de conhecimento promovia e ainda promove transgressões das regras formacionais da LIBRAS. A pesquisadora refere-se a essa época como a do "vale tudo", em que a utilização dessas múltiplas estratégias resultou em total desencontro entre professores e alunos.

Souza³⁷ observa os efeitos da multiplicidade de recursos ao entrevistar 102 surdos de escolas especiais de Campinas que se valiam basicamente de gestos e da produção de uma fala pouco compreensível. Destes, apenas nove achavam que conseguiriam ler um livro, desde que fosse, como eles mesmos advertiram, "fácil", "curto" e "tivesse figuras para ajudar". Recusaram-se a ler jornais ou revistas oferecidas pela pesquisadora, por acharem a tarefa "difícil". Ao folhear gibis, diziam ler as figuras e ter dificuldades em compreender as palavras em uma frase. Palavras isoladas eram mais fáceis de serem compreendidas, segundo eles.

As narrativas escritas eram pedaços fragmentados da história e não compunham textos. Souza³⁸ constata que, mesmo após terem freqüentado programas de reabilitação e/ou já estarem na escola há, no mínimo, cinco anos, assemelhavam-se a estrangeiros recém-chegados com pouco conhecimento do Português, seja oral ou escrito.

³⁶ Souza, M. R. Que palavra te falta: o que o surdo e sua língua(gem) de sinais têm a dizer à lingüística e à educação. Tese (Doutorado em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996).

³⁷ Idem, ibidem.

³⁸ Idem, ibidem.

Nas salas de aula a comunicação era possibilitada pelo uso dos "acessórios" (acompanhados ou não de sons), isto é, de gestos de apontar, mímicas e por outros que acabavam ganhando convencionalidade temporária.

A autora conclui que todos esses recursos não permitiram trocas lingüísticas ou diálogos fluentes, advogando a favor do uso efetivo da Língua de Sinais nas interlocuções entre professores ouvintes e alunos surdos.

Estaria a autora referindo-se a uma interlocução, na qual professores ouvintes e alunos surdos falariam a “mesma língua” (língua de sinais)? Não haveria aqui um grande equívoco? Estariam eles falando realmente a “mesma língua”? Para os ouvintes a língua de sinais é uma outra língua, uma língua estrangeira, enquanto que para muitos surdos é a língua na qual se inscrevem. É importante lembrar que a surdez é uma experiência visual, o que determina a diferença dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.

A facilitação da produção escrita que, segundo a pesquisa de Souza³⁹, ocorreria se professores e alunos partilhassem a língua de sinais, pode não acontecer, porque na maioria dos casos o português escrito é ensinado através do português sinalizado, ou seja, utilizam-se sinais na ordem sintática do português. Esse procedimento supõe uma correspondência termo a termo entre oralidade e escrita. Há assim uma transposição de registros, uma operação de mudança de sistema lingüístico. A língua de sinais é um outro sistema, que exige a participação prioritária do corpo e vai ter o seu funcionamento determinado por ele. O engajamento corporal que a escrita exige é outro, totalmente distinto da oralidade: é o corpo engajado no espaço.

O que se viu da história e o que se vê refletido nas pesquisas sobre a surdez deixam claro que pesa sobre a surdez um discurso erguido sobre o primado do sonoro.

A responsabilidade das instituições fica comprometida com a obstinação de médicos e pedagogos que decidem consertar orelhas para que as crianças

³⁹ M. R. Souza, 1996, op.cit.

vocalizem, na tentativa de verem surgir sujeitos que se pré-fabricam a partir de um imaginário social. A ligação ao material sonoro, superinvestido, oblitera a questão global da construção do sentido, que se faz a partir de um prisma estrutural constituído sobre os únicos fundamentos da fonologia e da linearidade das línguas orais.

O ponto de vista científico e a pedagogia enfrentam um desafio imenso, posto que praticamente irrealizável, dada a natureza que envolve um trabalho com a vocalização, língua de sinais e produção escrita ao mesmo tempo. Em caso de performance, o mérito retorna ao mestre, e o déficit é imputado à criança em caso de fracasso.

A língua de sinais, institucionalizada na segunda metade do século XVIII, é proibida nas primeiras décadas do século XIX e é, atualmente, tomada pelas instituições como “a língua dos surdos”. O corpo da pessoa surda foi progressivamente constrangido e os efeitos dessas imposições gerou uma “dança” em que concorrem simultaneamente ritmos diferentes. Assim, os resultados são movimentos desordenados, misturados, sem sintonia. Este é o cenário educacional, social e familiar no qual a maioria dos surdos circula em nome da inclusão social.

Da surdez congênita à adquirida, precoce ou tardiamente, os procedimentos na área educacional não variam muito, pois a singularidade de cada indivíduo parece estar esquecida atrás de abordagens e métodos pedagógicos.

Quando a criança surda chega à escola, como no caso de Elaine, já desenvolveu uma linguagem gestual familiar, passou por tratamentos médicos, treinamentos articulatórios, e tudo isso nem sempre tem continuidade ou é levado em conta. A opção da maioria dos pais ouvintes de crianças surdas é por escolas de ouvintes nas quais pouca atenção especial pode ser dispensada às crianças surdas, seja porque a escola não tem recursos ou porque se trabalha em nome da “igualdade” de tratamento. O fracasso escolar é eminente, já que os rendimentos são comparados aos de crianças ouvintes. Mesmo quando se trata de uma escola especial para surdos, como as apresentadas pelas pesquisas de Góes⁴⁰ e Souza⁴¹,

⁴⁰ Góes, M.C. de. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

⁴¹ M. R. Souza, 1996, op. cit.

não há a incidência efetiva de uma língua sobre os alunos, mas de recursos comunicativos múltiplos, e o resultado pode ser língua nenhuma. Como diz Vorcaro⁴²,

“se existe possibilidade de transmissão, essa é da língua e na língua em que professores e alunos circulam. A transmissão é simbólica, portanto, está absolutamente subordinada ao que a língua põe em funcionamento. Assim, o código criado para funcionar como instrumento de comunicação, acabaria por manter a dificuldade dos alunos em relação à inscrição no laço social, restringindo-o à poderosa lei do semelhante, lei encarnada unívoca e impositiva, em que eles só podem se alocar como objetos de sua incidência”.

Essas imposições continuam a manter os forçamentos sobre o corpo, em tentativas na maioria das vezes vãs, em fazer do surdo um “ouvinte que não escuta”, tornando quase impossível o ultrapassamento do campo das imagens para que se dê a implantação da letra (significante). Essa relação entre a imagem e a letra tem algo a ver com a escrita, pois, de acordo com Bergés & Balbo⁴³, “a busca da imagem barra o acesso à letra”. Dizem, ainda, que o excesso de imagens impede o próprio imaginário de emergir.”

A partir dos trabalhos expostos é possível concluir que, na maior parte das situações, os fracassos são determinados, não pelo déficit auditivo, mas pelos efeitos da surdez na relação com a alteridade que com ela se confronta, através daqueles que lhe servem de suporte: pais, professores, profissionais etc.

O que foi visto até aqui me faz retomar uma das perguntas feitas no início deste trabalho: seria a escrita atravessada pelos diferentes registros que tecem a vida do sujeito surdo?

Eu diria que há a possibilidade desse atravessamento que, todavia, é sobredeterminado⁴⁴ pela ação de uma estrutura subjetiva, a qual depende de como a língua nos causa. Como diz Gabriel Balbo⁴⁵,

⁴² Vorcaro, A. Crianças na Psicanálise: clínica, instituição, laço social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, p.134.

⁴³ Bergés, J.; Balbo G. A criança e a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, pp.201-203.

⁴⁴ A sobredeterminação é um “fenômeno do psiquismo humano consistente no fato de que uma mesma formação do inconsciente (sintoma, sonho, etc) pode ser originada por uma pluralidade de

“essa língua que nos causa, nós poderíamos nomeá-la a *Ursache*, para marcar bem sua originalidade, para indicar o quanto ela se articula à *Urbild* que só a delimita por tomar aí consistência, tanto ela encarna no próprio corpo, como ela aí inscreve a letra que dá forma à sua imago. Isso que nos causa articula então o real, o simbólico, o imaginário num enodamento primordial, que é tão pouco unívoco que na hipocondria, por exemplo, o corpo é simbólico do real da língua que o causa, do qual o sintoma imaginarizado transcreve a letra”.

É tematizando a relação entre o corpo e a linguagem que pretendo abordar a escrita de Elaine neste trabalho. Uma relação que é estruturante⁴⁶ desde o nascimento, pois é a fala da mãe, o seu gesto, seu toque, seu olhar que vão dar vida a esse corpo e permitem que o filho ganhe um lugar na linguagem.

Estabelecer esta relação é poder dizer - sobre a questão da produção escrita de Elaine, que aqui se interroga - algo da constituição da sua estrutura psíquica, do que pode ter se inscrito no corpo e o que disso pode se presentificar como efeito nessa escrita.

fatores heterogêneos e, portanto, é passível de receber diferentes interpretações, simultaneamente verdadeiras”. (Houaiss, Antônio e Villar, Mauro de Salles (2001) Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p.2591.

⁴⁵ Balbo, G. (1991) A língua nos causa, La Psychanalyse, n. 10, Association Freudienne Internationale, Paris, p.1.

⁴⁶ O termo estrutura (estruturante) é utilizado, não no sentido de estrutura óssea ou da organização envolvida no sistema nervoso, mas naquele sentido que prova que o corpo está à mercê da linguagem, à mercê da ordem simbólica. O corpo é escrito com significantes.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DE UM CORPO QUE FALA

1. A perspectiva da psicanálise: o nascimento do sujeito.

O objetivo aqui é situar conceitos psicanalíticos importantes que constroem a noção de sujeito, porque é a partir desse lugar teórico que será possível justificar a ligação entre corpo e linguagem como a única via de referência a um sujeito causado pelo significante¹.

Dialogar com tais conceitos, que dão suporte à questão da constituição da subjetividade, é percorrer os caminhos de um saber outro, abertos para desnaturalizar o “colo materno”, no qual deixamos de dormir, permitindo a manifestação do familiar e do estranho, num deslocamento sem roteiro, no desconforto do não saber dizer. Só assim, o caso de surdez de Elaine pode ser “escutado”.

Ao longo da história², a cultura dispôs de diferentes valores de sustentação para o sujeito. Na antigüidade grega, momento de inauguração do mundo ocidental, as ações humanas eram reguladas por leis que acabavam com o dilema imposto pelo livre – arbítrio, mas que logo se mostraram insuficientes para abarcar todas as

¹“Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo lingüístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica”(Roudinesco e Plon, 1998, p.708).

² Esta trajetória histórica, que introduz conceitos psicanalíticos, baseia-se, principalmente, nos textos de Bruce Fink (1998)- O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo-e de Denise Maurano (2003)- Para que serve a psicanálise.

dimensões do sujeito. Eis que a religião veio em seu socorro e durante quinze séculos o apelo a Deus foi o recurso prevalente para o balizamento das questões existenciais.

Como resultado de reformas, mudanças sociais, políticas e artísticas radicais, o apelo à salvação divina desloca-se para a razão. Seguindo Descartes, o homem inaugura a idade moderna tomando os recursos do pensamento como medida de avaliação de si mesmo e de tudo mais. No anseio de criar métodos que neutralizassem a interferência subjetiva, nas proposições que se pretendiam gerais, expressa-se um novo recurso para proteger o humano do não sabido.

O gesto de Descartes faz ressaltar a importância da subjetividade, ou seja, ao focalizar a subjetividade como o que não se conforma à razão, ou como o que a confunde, abrem-se canais para o movimento oposto ao da valorização cartesiana: a ênfase na emoção, no apelo ao amor e à sexualidade, nas intensidades psíquicas, como vias de solução para os problemas da vida, dando margem para o surgimento da psicanálise.

Ainda no tempo de Descartes, a valorização da emoção já era acolhida na cultura pela via das artes, expressando um sujeito afetado pela paixão. A noção clássica do que é belo, regida pela harmonia, ordem, equilíbrio e perfeição, dá lugar ao dinamismo da vida, à força da expressão, às imperfeições, às dicotomias, ao transitório, ao que está além do ideal.

À psicanálise interessa a vida em movimento, o confronto com o risco das mudanças, daquilo que não se aquieta, que produz desassossego, do preço a ser pago por sermos humanos.

A psicanálise lida com o paradoxo, o que requer o acolhimento de idéias antagônicas, sem fazer exclusões ou sínteses, afirmando a presença simultânea de elementos que são heterogêneos, a saber, as manifestações do inconsciente: sonhos, atos falhos, chistes. Essas produções não obedecem às leis da racionalidade consciente, que exige clareza, coerência, ausência de contradição, mas revelam as leis de funcionamento do inconsciente e mostram que o psiquismo é muito mais do que se tem acesso pela consciência.

Pela influência da consciência tende-se a uma busca constante de semelhanças entre as coisas e rejeitam-se diferenças e contradições, desprezando o que parece ilógico. Quando a psicanálise sublinha que o psiquismo não é só consciência, quando valoriza as produções psíquicas, perverte a visão tradicional da vida e do mundo e ressalta o funcionamento de uma outra lógica também operante no psiquismo. A visão que se tem do Eu, como o que viria a definir o sujeito, passa a ser um tema sobre o qual recai todo o questionamento. Ressalta-se que o Eu não é senão a fachada de cada um, do sujeito que se é e cujo real escapa às possibilidades de apreensão do Eu. Essa visão difere radicalmente de uma visão de sujeito como um ser bem delimitado e circunscrito na consciência que teria de si mesmo, e no que se poderia definir por uma psicologia do seu comportamento. Trata-se de destituir o herói épico que o homem fez de si mesmo, fascinado por essa imagem na qual se fixa, em detrimento de viver a dimensão mutante da vida.

A intensificação do questionamento do “si mesmo”, do que é o sujeito, da participação dos afetos na formação do Eu, vieram a fomentar o surgimento da psicanálise. A psicanálise trata desse sujeito que cai de uma perspectiva ideal e vai ter que se haver com seus conflitos e divisões.

Desde o início da vida, a constituição do sujeito é uma forma de defesa do não ser nada. Logo que um delineamento é traçado, revela-se a urgência de limites, confrontação com limites, confrontação com uma lei, que muito antes de ter suas traduções no campo social é inerente à própria delimitação do sujeito. Tal lei é tão necessária quanto dolorosa. Freud propôs designá-la lei da castração. Não se trata de uma mutilação física, mas da referência ao falo, ou seja, referência a algo que vem simbolizar para o sujeito a plena potência vital, a ausência de limites. Credita-se um gozo supremo à suposta posse dessa plena potência vital, porém só se acede a esse gozo parcialmente. A satisfação é sempre parcial. A satisfação que falta é elemento motriz para novas buscas.

A psicanálise não trata da doença, mas do sujeito que nela está implicado, ou seja, do sujeito que faz da doença um sintoma: o sintoma analítico. Trata-se de qualquer sintoma que seja tomado pelo sujeito como fonte de questionamento de si mesmo. Não se trata de um questionamento qualquer: trata-se de um

questionamento dirigido ao saber inconsciente. Um questionamento dirigido pela aposta de que existe em alguma esfera do psiquismo, um saber que age no sujeito, através de uma outra lógica que não aquela que ele reconhece conscientemente.

A grande novidade de Freud foi tratar o sintoma não como um defeito ou degeneração, mas como uma via de expressão do sujeito. Expressão de algo que certamente não é fácil de ser expresso, senão o sujeito o faria diretamente. Freud percebeu que o sintoma constitui-se como uma defesa frente a algo intolerável psiquicamente: um conflito entre o desejo que move o sujeito e aquilo que o censura. O sintoma é, portanto, em si mesmo o efeito de um paradoxo. É um compromisso com o desejo que anima o sujeito, é expressão desse desejo e, ao mesmo tempo, é a marca de seu recalçamento.

A psicanálise parte da idéia de que a absurda prematuridade na qual nasce o animal humano vem situá-lo numa radical condição de desamparo. O assédio das grandes necessidades orgânicas e o despreparo para lidar com tudo promovem um desconforto que tem derivações motoras. Ao nascimento é comum o bebê reagir gritando, chorando, esperneando, porém nada disso muda sua situação. Ela só se modifica com a intervenção de alguém que venha em seu socorro. Esse encontro, na hipótese de Freud, produziria uma marca psíquica, um primeiro traço de memória, configurando uma primeira experiência de satisfação. Assim, quando o desconforto sobreviesse novamente, o modo de saná-lo seria reeditar a memória dessa primeira satisfação, aquela que teria tirado o sujeito da situação de privação total. E a via mais imediata seria reativando a percepção da “Coisa”³ que teria propiciado a dita experiência, ou seja, alucinando a percepção primeira. Freud nomeia de desejo essa moção psíquica que busca fazer esse resgate.

O desejo, portanto, como conceito psicanalítico, é o remetimento a uma falta, nostalgia da suposta presença da “Coisa”. Tem-se com isso uma passagem do campo da necessidade ao campo do desejo.

³ Freud introduziu a Coisa (das Ding) no “Projeto para uma psicologia científica” (1895), na linha das reflexões filosóficas de Kant e de Heidegger em torno da lógica da origem. Segundo o “Projeto”, a Coisa aparece como o Outro originário do “desejo”, o Outro absoluto do sujeito, isto é, o Outro real, do qual a língua seria a prova. Tomado na incompletude, o sujeito atribui à Coisa o marco mítico em que se apóia todo o trabalho de seu aparelho psíquico.

O conceito Freudiano de “Coisa”, surgido no “Projeto para uma psicologia científica”⁴, corresponde a uma parte do complexo do próximo, irreduzível a traços de outras percepções como os movimentos do corpo ou o grito. O “projeto para uma psicologia científica” constitui-se no primeiro esforço declarado de Freud em construir uma concepção de aparelho psíquico⁵. Esta obra, como se verá na parte 3.1 deste capítulo, tem como centro de interesse elaborar uma explicação sobre a origem e o funcionamento da memória. No modelo que aí surge, a constituição da memória depende diretamente da “experiência de satisfação”, a partir da qual se deflagram diferenciações entre caminhos, trilhamentos que vão se constituindo no sistema mais complexo da memória.

Para que a constituição do aparelho psíquico se verifique, dado o estado de desamparo com que nasce a criança humana, é central a figura de um outro auxiliador, “um indivíduo experiente que atenta para o estado da criança”⁶. A criança estará dependente de um outro para que suas necessidades sejam supridas e para que possa entrar na linguagem. É no encontro com esse outro que advirão as primeiras experiências de satisfação, dando início às primeiras inscrições psíquicas⁷.

É por esta via que Freud situará no outro – na figura do *Nebenmensch* (*neben*: próximo, *mensch*: homem), “o primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil, assim como único poder auxiliar”⁸. É dele que surge a primeira apreensão da realidade pelo sujeito, que se dará, entretanto, de forma dividida. Uma parte deste complexo do próximo, por ser redutível aos traços, fica inscrita no sistema de memória, e outra que “permanece inassimilável, coesa como coisa”(*das Ding*), movimentando toda a atividade de juízo. Na leitura que Lacan fará em 1960⁹, é a

⁴ Freud, S. “Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]), in Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v.I.

⁵ Embora, como salienta Garcia-Roza, o primeiro passo desta construção tenha sido dado em um texto anterior – A interpretação das afasias (1891), Lisboa: Ed. Setenta, 1979. Nele Freud postula um aparelho de linguagem que transborda, em sua construção, os limites de um aparelho de linguagem propriamente dito para constituir-se numa primeira versão de aparelho psíquico. In Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro: Imago, v. I, 1980.

⁶ Sigmund Freud, 1980, op. cit., p. 32.

⁷ Esses primeiros registros de inscrições psíquicas serão comentados quando se apresentar a Carta 52 de Freud a Fliess, ESB, V. 1.

⁸ Sigmund Freud, 1980, op. cit., p.44.

⁹ Lacan, J.,(1959-60) Seminário 7, A ética da psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997,p.69

este inassimilável como *ponto de fuga na apreensão do Outro* que ele atribuirá o centro vazio que faz girar o movimento das representações constituídas, permanentemente, na busca de reencontro deste objeto, inapreensível por estrutura. Vejamos a observação de Lacan:

“O Ding como o Fremde, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? – ao mundo de seus desejos. Ele faz a prova de que alguma coisa, afinal, encontra-se justamente aí, que até um certo ponto pode servir. Servir a que? – a nada mais do que a referenciar, em relação a esse mundo de anseios e de espera orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir das Ding. Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas – evidentemente, é claro que o que se trata de reencontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. (...)O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, das Ding, enquanto Outro absoluto, que se trata de reencontrar. Não a ele, mas a suas coordenadas de prazer”.¹⁰

Nesse excerto, pode-se notar o que Lacan chama de Outro absoluto do sujeito como sendo sua máxima alteridade, um exterior ao significante, em torno do qual todo o universo significativo se organiza e se move.

As conseqüências da entrada em cena da dimensão do Outro são formuladas por Lacan no seminário 11¹¹: as operações de alienação e separação na constituição do sujeito.

“Tudo surge da estrutura do significante”, diz Lacan. Antes disto o sujeito não é nada, pois somente após o primeiro movimento em direção ao Outro – como lugar do significante – é que o sujeito se torna algo, ainda assim não substancial. Este primeiro momento corresponde à operação de alienação.

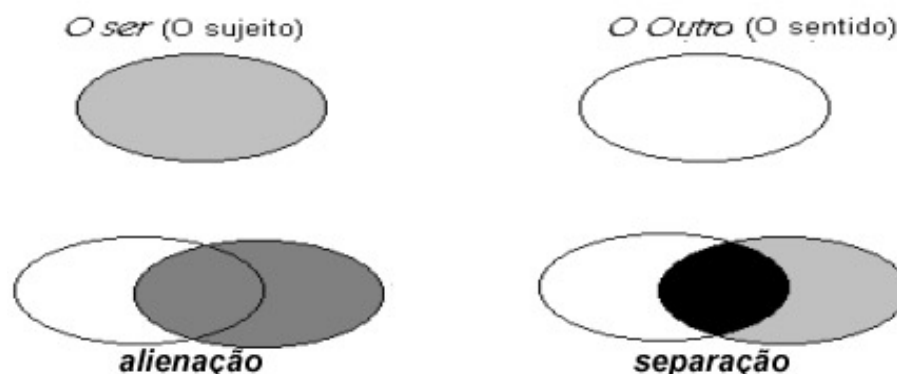
Lacan apresenta, através da idéia de alienação, o fato de que só há um lugar possível ao sujeito: no significante, que está no campo do Outro. Para denotar esta suspensão indelével do sujeito ao Outro, os termos por ele empregados são “condenação”, “escravidão”, enfatizando com isso a dependência do ser falante em

¹⁰ Jacques Lacan, 1997, op.cit., p. 69.

¹¹ Lacan, J. O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, pp.194-204.

relação à linguagem. Por isso ele dirá que a alienação é o destino¹². Para explicitá-lo, Lacan formulará a lógica matemática dos conjuntos.

A reunião distingue-se da adição na medida em que adicionar dois conjuntos implica simplesmente a sua soma, enquanto reuni-los resulta em não reduplicar seus termos comuns – ocasionando um enlace entre os dois cujo laço corresponderá, justamente, à intersecção deles. Se há dois conjuntos de cinco objetos, a adição representará um total de dez, e a reunião resultará, se dois elementos forem comuns, em um número de oito.



O que Lacan encaminha em seu argumento lógico é tanto a impossibilidade da existência do sujeito, senão em sua reunião ao Outro, quanto a perda que se dá nesta mesma operação, tendo em vista que o sujeito não se esgota, não se representa por inteiro no Outro, perdendo, na operação de alienação, parte de seu ser.

Lacan enfatiza o fato de, na operação de alienação, o sujeito petrificar-se num significante – termo que passa a ser comum a ele e ao Outro. Porém, se na lógica dos conjuntos eles poderiam – antes da reunião – existir separados, na operação engendrada por Lacan se coloca a necessidade imperativa da reunião dos dois – da alienação, portanto – para a existência do sujeito. No exemplo trazido por ele e

¹² Jacques Lacan, 1988, op.cit.,p.196.

intitulado “A bolsa ou a vida”¹³, explicita-se o fato de a vida só se abrir àquele que quer viver como sujeito, à condição forçosa da perda da bolsa, de uma parte do seu ser. Opção forçada, porque fora dela perde-se, inexoravelmente, a vida.

Com a separação, Lacan introduzirá um além do inconsciente freudiano: uma falta no coração do universo significante. Além da dimensão de exterioridade em relação à consciência, como inconsciente, e transindividual – enquanto tesouro do significante – a operação de separação põe em relevo o Outro em seu próprio limite naquilo que no Outro transcende a toda articulação de palavra, na medida em que, em seu discurso, algo nunca se diz completamente. Este algo, presente para Lacan nos intervalos do discurso do Outro, é o desejo.

Se na alienação o sujeito petrificou-se em um significante, ele deve, para poder deslizar no sentido – realizando-se como sujeito, neste deslizamento, ao mesmo tempo que constituindo seu desejo nesta vacilação -, se “safar” desta petrificação. Aqui se imbricam desejo do Outro e desejo do sujeito. Não só o desejo de um sujeito está suspenso ao Outro na forma de uma cultura, das marcas de uma época, de gerações que o precedem, mas também é do Outro, na falta em seu discurso, que o próprio desejo do sujeito deriva.

Embora seja comum tratar essas duas operações como logicamente sucessivas – em que a alienação é anterior à separação – é interessante pensá-las como dois processos distintos, porém em simultaneidade. Isto porque no Outro, na linguagem, estão presentes, desde o início, ambas as dimensões. O significante em sua materialidade e o vazio, o desejo do Outro.

Ao falar em operações constituintes do sujeito no campo do Outro, Lacan indica que algo deve ser realizado para que o ser aceda à linguagem. Isso aponta o lugar do Outro primordial – também denominado Outro real – como Outro encarnado em uma presença, em um personagem humano que possibilita que se dêem tais operações constituintes do sujeito.

¹³ Jacques Lacan, 1988, op.cit., p.201.

É este Outro primordial (mãe, agente maternante, cuidador) que possibilita a entrada da criança na linguagem, por sua voz que responde e dá sentido ao choro e por seu gesto que toca e marca o corpo.

2. Que corpo? De que corpo se trata na psicanálise?

Trata-se, aqui, não de um corpo tomado como algo organizado em partes, regido por princípios de funcionamento que independem do pensamento, mas do que Freud percebeu no corpo da histerica. Contrariando o estabelecido pela medicina da época, Freud constatou que, na histeria, o sujeito serve-se do corpo para expressar seu sofrimento.

Com Freud, a partir do saber sobre o inconsciente, inaugura-se uma nova relação psicossomática, de tal modo que, do corpo, que anteriormente portava sua significação, surge outra imagem de corporeidade, cujo sentido deriva do efeito no corpo da linguagem inconsciente. Freud designa, de preferência, ao inconsciente o lugar de interferência onde as “vozes do corpo” se misturam aos efeitos significantes¹⁴.

O corpo se anuncia por um paradoxo¹⁵, designando ao mesmo tempo uma profundidade, um dentro insondável, e uma superfície, um horizonte de visibilidade insuperável. Esse paradoxo se resolve por um meio-termo que relaciona a profundidade, de certa forma, com a superfície, a saber, o sintoma. Os sintomas do corpo recaem, assim, na corporificação do sintoma, processo de encarnação que a histeria descreve de maneira privilegiada.

O essencial é determinar de que maneira o corpo intervém nessa dialética do sintoma, da qual o corpo é um momento necessário, mas não um princípio constituinte.

¹⁴ Assoum, P. L., (1993) *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996, p. 176.

¹⁵ Idem, p.177.

A histeria designa, de maneira ímpar, a entrada do corpo na experiência analítica. A esse título, a histérica merece ser associada à fundação da psicanálise, pelo fato de o corpo aqui não ser apenas tema privilegiado dessa neurose, pela qual Freud se põe na pista de um saber do inconsciente, mas ainda aquilo que dá corpo ao próprio sintoma. De acordo com Assoun¹⁶,

“o que a histérica mostra, com efeito, é realmente a sua *alma*, visível em seu corpo, mas isso se opera pela via do sintoma. É o sintoma que, na histérica, faz ativamente dialogar a *alma* e o corpo”.

O quadro somático sugere que o corpo é o meio do sintoma, havendo aí uma ambigüidade: o corpo exprime o conflito tanto quanto o mascara, de modo que a reminiscência recalcada se inscreve no corpo como um traço que indica uma perda de consciência.

Freud chama de conversão essa relação expressão/máscara: “Na histeria, a representação inconciliável é tornada inofensiva pelo fato de que a soma de excitação é referida ao corporal, processo para o qual vou propor o nome de conversão”¹⁷. É nessa capacidade de conversão que Freud localiza o fator característico da histeria.

O efeito corporal traduz o destacamento de uma energia oriunda da tensão representativa. Não é, pois, o corpo que fala, mas através dele se anunciam as representações recalcadas, ou seja, o que o sujeito não pode se lembrar, ou que gostaria de esquecer e que mantém fora do consciente.

Por essa via, o corpo emerge como lugar de simbolizações, onde se inscreve a mensagem que veio do Outro. O corpo é, portanto, a engrenagem viva dessa ligação pela qual a mensagem do Outro é literalmente incorporada. A histérica exhibe a marca inesquecível do desejo do Outro sobre o seu próprio corpo.

¹⁶ P. L. Assoun, 1996, op. cit., p.178.

¹⁷ Freud, Sigmund. (1886-99) As neuropsicoses de defesa, ESB, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 397-400.

Para que se possa melhor compreender a função desta corporeidade faz-se recurso ao conceito de pulsão, definido por Freud¹⁸ como um conceito limite entre o psíquico e o somático, marcador da linha fronteira dos dois processos.

De fato, a pulsão tem sua fonte num lugar somático, excitação corporal localizada num órgão e traduzindo-se por uma tensão originária, mas é realmente como psíquica que se manifesta a moção correspondente, que tende à supressão do mal-estar por meio de um objeto. A pulsão converte, também aí, a excitação em moção psíquica. Tudo começa com esse afluxo que vem de dentro e de que o sujeito não pode escapar. A pulsão, pela qual tudo começa, tanto para a psicanálise quanto para o sujeito do inconsciente, exterioriza no psiquismo aquilo que lhe é imposto por essa coerência com o corporal, ou seja, cargas suplementares. O corpo não é causa de nada, nem da pulsão, nem do prazer de órgão, mas sem a corporeidade nada seria possível.

Segundo Assoun¹⁹, é possível dizer que existe o corpo suporte das funções corporais importantes para a vida e um corpo erotizado pelo qual se reencontra o corpo do sintoma evocado na histeria. Seja como corpo de apoio, seja como mosaico de zonas erógenas, o corpo não pode fazer mais que nomear a realidade de pulsão na sua ausência de fundação.

O corpo pulsional como corpo sintoma media a relação do órgão do gozo com o Outro sendo, por excelência, lugar da passagem do objeto e do Outro, de onde nasce o sujeito. Isso quer dizer que o corpo desempenha o papel, a cada vez, de pré-texto do inconsciente, no sentido forte e duplo do que dá impulso ao texto inconsciente e do que o precede e o excede.

A noção de pulsão está organizada segundo uma transformação de pressupostos biológicos, graças a um ordenamento simbólico. É através do ordenamento simbólico que ocorre a inscrição em outro circuito que determina, expressa e cria funções à consciência ou ao corpo. Isso rompe com a noção de mente-corpo como uma espécie de dicotomia pensável de forma estratificada e rompe com a idéia de um dentro e um fora no sentido tradicional da expressão,

¹⁸ Freud, S., (1893-5), Estudos sobre histeria, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁹ P. L. Assoun, 1996, op. cit., p.183.

porque o corpo não se dissocia da psique: ele pertence, com ela a uma mesma tópica.

Assim, pode-se dizer com Leclaire²⁰, que se trata de um corpo concebido inteiramente como zona erógena. A noção de zona erógena, surgida muito cedo nos escritos de Freud²¹, designa um lugar do corpo suscetível de ser a sede de uma excitação do tipo sexual e, principalmente, a porta do corpo por onde se realizam os estímulos-respostas do organismo sob o signo da emoção e das sensações mais vivas de prazer ou desprazer.

Após ter considerado como possivelmente erógeno o conjunto que reveste o corpo, a pele, as mucosas e os orifícios, Freud²², quando analisa os fatos da hipocondria, estende a possibilidade de ser sede de uma excitação de tipo sexual a todos os órgãos figurados do interior do corpo. Assim, qualquer parte do corpo pode tornar-se erógena ou invertendo a proposição, o corpo todo pode ser considerado erógeno. No entanto, na linha do conceito freudiano de zona erógena, pareceria de fato preferível dizer de modo mais preciso que o corpo é um conjunto de zonas erógenas. O corpo surge como o grande livro em que se inscreve a possibilidade do prazer.

O processo de erogeneização determina a singularidade da inscrição no corpo. Assim, como designa Leclaire²³,

“os dedos da mãe, seu olhar, seu gesto que tocam o corpo do bebê aí inscrevem uma marca, uma cratera de gozo, uma letra que abre uma zona erógena, instaurando o jogo do prazer sempre que um objeto qualquer venha reavivar nesse lugar o brilho do sorriso que a letra fixou”.

Pode-se dizer que uma zona erógena pode ser definida como um lugar no corpo em que o acesso à experiência do prazer que aí se produz fica marcado por um traço distintivo, uma letra, que se pode dizer estar inscrita nesse lugar ou

²⁰ Leclaire, S. Psicanalisar. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

²¹ Freud, Sigmund: Carta 52, em Obras Completas, Ed. Biblioteca Nuova, Madri, pp.3551-2.

²² Freud, S.(1914), Sobre o Narcisismo: uma introdução, ESB, v.14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

²³ S. Leclaire, 1986, op. cit., p.60.

colocada em sua abstração do corpo. A letra assim concebida constitui o limite e o acesso ao gozo.

Leclaire²⁴ propõe:

“tomar o corpo ao pé da letra é, em suma aprender a soletrar a ortografia do nome composto pelas zonas erógenas que o constituem; é reconhecer em cada letra a singularidade do prazer (ou da dor) que ela fixa e nota ao mesmo tempo, a série dos objetos em jogo”.

Para o autor, merece o nome de letra qualquer materialidade abstraída do corpo erógeno como elemento formal localizável em sua singularidade, podendo ser reproduzida, lembrada, repetida de algum modo, “para escandir e articular o canto do desejo”²⁵.

Essas pontuações colocam em cena um sujeito constituído pela linguagem, afetado pela ordem do inconsciente, dotado de um corpo que não coincide com as referências anátomo-fisiológicas, mas que é animado pelo desejo. Além disso, há a referência a um corpo pulsional, afetado e tocado pela linguagem, capturado pelo simbólico, mosaico de zonas erógenas.

Trabalhar nessa perspectiva é desconstruir a dicotomia corpo e linguagem, o que nos permite adotar o uso do termo “corporeidade”, como um modo de fazer referência ao estatuto do corpo em psicanálise. Para Costa²⁶,

“essa inter-relação se precipita nos seus elementos comuns. Ou seja, nesse cruzamento – onde se situam aquilo que corriqueiramente aparece como símbolos de troca verbais e aquilo que aparentemente seria exclusivamente corporal, [...] Nessa inter-relação complexa [...] tanto se pode dizer corpo é linguagem, quanto que linguagem é corpo”.

Portanto, como diz Leclaire²⁷,

²⁴ S. Leclair, 1968, op.cit.,p.64.

²⁵ Idem, p.80.

²⁶ Costa, A. M., da Algumas reflexões sobre a inscrição da letra. In Leite, N.V. (org.), Corporeidade: gestos e afetos, Campinas: Mercado Letras, 2003, p.116.

²⁷ S. Leclaire, 1968, op. cit., p.63.

“o que importa entender aqui é que o corpo físico, em sua superfície e densidade, é oferecido ou resiste, suporta em todo caso a inscrição-incisão erógena do mesmo modo que a página do livro sustenta e faz aparecer – em certo sentido, constitui – a letra que nela se inscreve”.

3. A linguagem na teoria freudiana

A linguagem, no discurso freudiano, não tem seu papel reduzido à função da palavra na experiência psicanalítica. Freud inaugurou uma concepção do psiquismo fundada na linguagem, o que pode ser atestado no estudo sobre as afasias²⁸ que apresenta o psiquismo como um aparelho de linguagem.

De onde vem a noção de “aparelho”? Quando Franz Joseph Gall formulou a hipótese de que o cérebro se compõe de tantos sistemas particulares quantas são suas formações particulares, introduz a noção de localização cerebral. Em 1825, Jean Bouillaud, impregnado pelas idéias de Gall e fundamentado em provas anatomopatológicas, anunciou a localização da faculdade da linguagem articulada cuja sede estaria centrada nos lobos anteriores. Em 1861, Broca definiu a correlação precisa das perturbações da linguagem com uma região do cérebro (descoberta completada pela de Wernicke em 1874) e concluiu: “As grandes regiões do espírito correspondem às grandes regiões do cérebro”²⁹. Em 1891, quando Freud publica o texto sobre as afasias, refuta a idéia de uma localização fragmentada da função da linguagem em proveito de uma localização global e articulada do que chamou de “aparelho de linguagem”:

“rejeitamos portanto as hipóteses segundo as quais o aparelho de linguagem é constituído de centros distintos, separados por regiões corticais sem função [...] Assim, não nos resta outra coisa senão expor a concepção segundo a qual a região cortical da linguagem é uma área continua do córtex, em cujo interior se efetuam, com uma complexidade que desafia a compreensão, as associações sobre as quais repousam as funções da linguagem”³⁰.

²⁸ Freud, S., (1891) A Interpretação das Afasias, trad. de Antônio Pinto Ribeiro, introdução de Armando Verdiglionem Lisboa: Edições 70, 1977.

²⁹ Kaufmann, P. (org), Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

³⁰ Sigmund Freud, 1891, op. cit., p.62.

Segundo Kaufmann³¹, a noção de “complexidade”, que figura aqui com destaque, desempenha um papel essencial na própria idéia de aparelho: o aparelho se destina a explicar uma complexidade que desafia a compreensão e a responder a esse desafio pela tentativa de uma abordagem formal.

Na concepção do aparelho apresentada por Freud³², a região da linguagem é uma área contínua e é articulada e diferenciada em função de suas bordas e de seus limites: os pretensos “centros” são, na realidade, os ângulos ou os cantos com os quais a função da linguagem estabelece relação com as funções da visão, da audição e da motricidade³³. Portanto, é por suas bordas e seus limites que se pode definir um aparelho, não por seu suposto centro, que, como tal, ultrapassa a capacidade de apreensão do complexo.

Nesse texto, Freud discute a possível determinação da relação entre uma lesão orgânica e uma perturbação funcional, ao invés de supor uma causalidade mecânica a partir de lesões em centros específicos. A noção de *perturbação funcional*, introduzida por Freud, designa uma série de efeitos que devem ser relacionados com o funcionamento global do aparelho e não são explicados em termos de uma relação mecânica entre o clinicamente observado e o anatômico. Para Freud,

“a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não se encontra provavelmente numa relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam ao se iniciarem os processos psíquicos. Ao contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que a partir de um certo momento, um fenômeno psíquico corresponde a um ou a muitos dos seus elos. O processo psíquico é assim paralelo ao processo fisiológico (a dependent concomitant)”³⁴.

O processo psíquico, por ser um concomitante dependente e não um efeito mecânico, torna possível notar ocorrências de perturbações de linguagem na

³¹ Kaufmann, P. (org), Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

³² Freud, S., (1891) A Interpretação das Afasias, op. cit.

³³ Idem, p.63.

³⁴ Sigmund Freud, 1981, op. cit., p.56.

ausência de lesão cerebral. Assim, Freud recusa a distinção de Wernicke entre centros que guardariam as impressões e tratos encarregados da associação, com o argumento de que percepção e associação são aspectos de um único processo indivisível. Nessa posição contra o localizacionismo está caracterizada a recusa a uma perspectiva elementarista da linguagem.

Os distúrbios afásicos, aos quais Freud busca dar uma inteligibilidade, são distúrbios da comunicação verbal que podem incidir não apenas na emissão dos signos verbais, mas também na recepção e na compreensão, assim como envolver tanto signos falados quanto escritos. O interesse de Freud não é na linguagem como sistema, mas nos processos envolvidos nas atividades de falar e compreender e, como consequência, só considerando essa perspectiva é que se pode localizar adequadamente suas definições com relação ao que são as representações de objeto e de palavra.

Freud apóia-se nas noções de representação de palavra e representação de objeto (Figura 2 – Esquema psicológico da representação de palavra) para propor uma classificação das afasias em três tipos – verbais, agnósicas e assimbólicas – segundo as perturbações do aparelho da fala incidam, respectivamente, sobre as representações de palavra, as de objeto, as relações entre ambas.

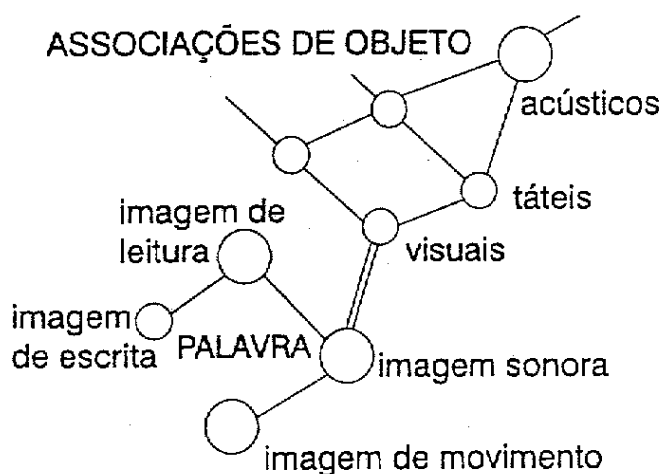


Fig. 1 Esquema psicológico da representação de palavra

A representação de objeto é um complexo aberto de associações composto de impressões variadas - visuais, auditivas, táteis, motoras – em que a imagem visual é prevalente. Esse complexo é aberto porque é composto tanto de imagens passadas e presentes do objeto, quanto de imagens futuras possíveis. O afluxo das impressões novas é permanente.

Essas associações, para se agruparem formando a representação de objeto, dependem de uma articulação com uma representação de palavra. O objeto, portanto, surge nas redes da significação pela ligação das associações de objeto com a representação de palavra.

A representação de palavra é também um complexo de associações, em que entram predominantemente os elementos acústicos, mas também os visuais e motores. Freud distingue quatro elementos na composição da palavra: a imagem sonora, a imagem visual da letra, a imagem motora da fala e a imagem motora da escrita. Trata-se de um complexo fechado, limitado, diferentemente da representação de objeto.

Segundo Garcia-Roza³⁵, “se apenas a ligação com a palavra permite que as associações vindas das impressões sensoriais se organizem em uma representação de objeto, a palavra só adquire sentido por sua ligação com a representação objeto”. Isso significa que a articulação entre os dois tipos de representação é necessária à constituição da significação. O ponto de interseção que articula os dois complexos associativos é a imagem sonora da palavra, não como um componente da representação, mas como polarizador do processo associativo.

A relação entre representações de palavra e de objeto é qualificada por Freud de simbólica. É sobre essa relação, considerada como o ponto mais frágil da operação da linguagem, que atuam os distúrbios característicos da afasia assimbólica. É, também, o ponto em que questiono a noção de sentido, na surdez, pois o ponto de interseção que articula os dois complexos não é a imagem sonora da palavra. Portanto, o sentido, neste caso, dar-se-á por outras vias que serão acionadas. Como o canal visual é superinvestido, aponto a suposição de que a

³⁵ Garcia-Roza, L. A. Introdução à metapsicologia freudiana, vol 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, p.48.

associação entre os dois complexos pode se dar através da ligação entre a imagem de movimento da representação de palavra e as impressões visuais da representação de objeto.

Assim, se o que entra na associação é a via privilegiada de cada complexo, haveria para o ouvinte a imagem sonora de um lado e as impressões visuais de outro. Na surdez a ligação se dará entre uma das imagens que compõem a palavra (de movimento, leitura ou de escrita) e as impressões visuais do objeto. No caso de Elaine, que privilegia a Língua de Sinais, a ligação pode se dar entre a imagem de movimento (todos os movimentos que envolvem o corpo para a produção de sentidos) e as impressões visuais (Fig.2). Nos surdos que entram na linguagem através da escrita, a ligação pode ser entre a imagem de escrita e as impressões visuais.

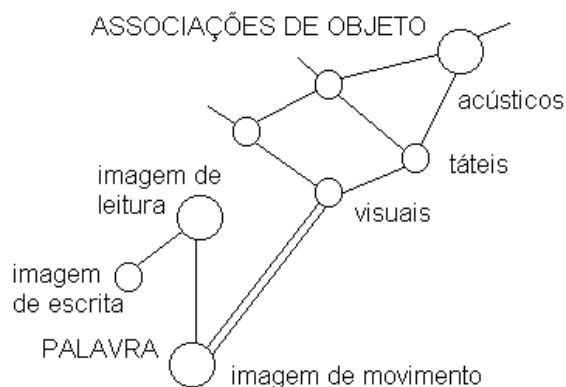


Fig.2

A questão da constituição do sentido é uma das razões que justifica a entrada do aparelho de linguagem neste trabalho. Outra questão importante, presente no texto das afasias, é a discussão sobre a aprendizagem da linguagem, discussão em que a centralidade do social, da relação com as outras pessoas na aquisição da linguagem é enfatizada. O aparelho de linguagem não existe ao nascer, mas será construído através da relação com o adulto, com sua mediação.

Essa idéia é ratificada no “Projeto”³⁶, em que Freud afirma que a aquisição da fala baseia-se na identificação com o adulto que captou o interesse da criança por

³⁶ Freud, S., (1985), Projeto para uma Psicologia Científica, ESB, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ser seu primeiro objeto de satisfação, e que é na relação com o semelhante que o ser humano aprende a conhecer.

Nessa prioridade dada à relação social na própria constituição do aparelho, a atividade é colocada em absoluto relevo. Não se trata de uma aprendizagem passiva, a partir de impressões que se inscrevem.

Para os ouvintes, a compreensão das palavras faladas, por exemplo, não é simples transmissão dos elementos acústicos às associações de objeto, mas transmissão da fala ouvida para os atos que servem à execução motora da língua. A estimulação das associações verbais a partir do elemento acústico implica uma espécie de repetição do que é ouvido. A compreensão do que é lido depende também da fala, das imagens sonoras e das impressões motoras produzidas ao falar. Na surdez, a compreensão do que é sinalizado se dá no encontro das imagens de escrita, de leitura e de movimento com o corpo.

Na valorização do elemento cinestésico, da imagem motora da fala (ou dos sinais), pode-se reconhecer a importância que é concedida à relação com o outro na constituição do aparelho de linguagem, destacando a fala (ou os sinais) como endereçada a alguém, ao Outro. Poder-se-ia dizer que é no momento em que o grito do bebê deixa de ser pura descarga de tensão e torna-se apelo ao adulto que começa a se organizar e diferenciar o aparelho da fala, dependendo para isso de uma estrutura simbólica que é preexistente, e da qual o adulto é portador. Esse processo corresponde à organização das experiências no simbólico.

3.1. O aparelho psíquico: as inscrições.

O aparelho de linguagem abre um espaço virtual: entre a localização cerebral das funções da linguagem e a dimensão simbólica do discurso e da significação instala-se um lugar não-material chamado por Freud de inconsciente, que irá representar o aparelho psíquico. O “Projeto para uma psicologia científica”, de 1895, definiu a primeira construção de tal espaço para o inconsciente que pretendia

fornecer uma explicação para a memória. A principal dificuldade para a representação da memória se prendia à sua capacidade de tudo conservar permanecendo receptiva. Era preciso conceber um sistema que registrasse e permanecesse disponível ao mesmo tempo. Freud distingue, assim, não somente várias categorias de elementos substratos (os neurônios), alguns dos quais se transformam para constituir os registros mnêmicos, enquanto os outros ficam inalterados e permanecem virgens para assegurar a receptividade permanente, mas também diferentes tipos de funcionamento, que correspondem a modalidades diferentes de facilitação³⁷ dos neurônios, diferenciando assim uma função primária e uma função secundária. É desse modo que a memória pode ser representada: pelas diferenças de facilitações existentes entre os neurônios.

Chega-se, assim, a um sistema de registros e de inscrições múltiplas, ordenadas segundo tempos, estratos, funções e transformações reguladas dos traços mnésicos que permite distinguir os diversos tempos lógicos da constituição do aparelho psíquico. Este sistema é apresentado por Freud na sua carta a Fliess³⁸, Carta 52. Nesta carta Freud faz referência ao que está aquém ou além do campo representacional, ou seja, o registro dos sinais de percepção, e revela uma concepção de memória fundamentalmente inconsciente, deixando claro que o que interessa à psicanálise é uma noção de memória absolutamente distinta do que falam os psicólogos, os quais mostram seu mecanismo pela experiência contínua de reação à realidade como fonte de excitação;

“[...]estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos [Erinnerungsspuren] fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo [Umordnung], de acordo com as novas circunstâncias - a uma reinscrição [Umschrift]. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de signos [Zeichen]. Postulei a existência

³⁷ De acordo com Luiz Alberto Hanns (Dicionário Comentado do Alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996, p.244), o termo “facilitação” pode referir-se tanto a vias de interligação na acepção concreta de interligações entre neurônios quanto à interligação entre representações, desejos, etc. [...] No Projeto para uma Psicologia Científica (1895) a palavra é utilizada com bastante concretude, no sentido de “via”, “caminho aplainado”, “trilha indicada”, designando as ligações neuronais.

³⁸ Freud, Sigmund: Carta 52, em Obras completas, Ed. Biblioteca Nueva, Madri: pp.3551-2.

de uma espécie semelhante de rearranjo algum tempo atrás (Aphasia), com respeito às vias que provêm da periferia do corpo até o córtex. Não sei quantos desses registros existem - pelo menos três, provavelmente mais. Isso pode ser visto no diagrama esquemático abaixo, que pressupõe que os diferentes registros também sejam separados (não necessariamente em termos topográficos) de acordo com os neurônios que são seus veículos. É possível que essa pressuposição não seja necessária, é a mais simples e é provisoriamente admissível. W [Wahrnehmungen (percepções)] são os neurônios onde se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque a consciência e a memória são mutuamente exclusivas. Wz [Wahrnehmungszeichen (signos de percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade. Ub [Unbewusstsein (inconsciência)] é o segundo tipo de registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços do Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência. Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado à representação-palavra e corresponde a nosso ego oficial. As categorias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa consciência secundária do pensamento se dá, no tempo, a posteriori e, provavelmente está ligada à ativação alucinatória das representações-palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos³⁹.

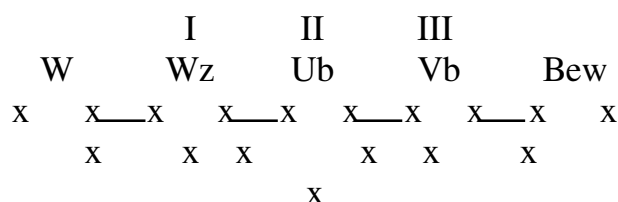


Figura 3 – Esquema do aparelho psíquico

Freud inicia essa carta declarando que o aparelho psíquico é fundamentalmente um aparelho de memória complexo, constituído pelas permanentes e sucessivas inscrições [Niederschriften] e retranscrições, de tal modo que o traço mnêmico, longe de constituir a memória por permanecer idêntico a si mesmo, sofre reordenações e, assim, a memória não é mais apresentada como uma

³⁹ Masson, J. M., A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 1904, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986, p.208.

propriedade do aparelho, mas como uma construção escrita com as associações da linguagem.

Percepção e memória são funções radicalmente distintas. A memória, por definição, exige que toda a percepção crie modificações permanentes. Já a percepção exige um aparelho que tenha a propriedade de sempre retornar ao estado original, para que as novas percepções possam ser acolhidas. Uma vez que essas condições são irreconciliáveis, conclui-se que consciência, que é ligada à percepção, e memória se excluem.

Freud propõe, nessa carta a Fliess, três sistemas de registro da memória em vários tipos de signos (Figura 3 – Esquema do Aparelho psíquico). O primeiro registro, **Wz** [Wahrnehmungszeichen], é a primeira inscrição das percepções, totalmente inacessível à consciência e organizado em associações por simultaneidade. O segundo registro das percepções, **Ub**, também inacessível à consciência, é o da inconsciência [Unbewusstsein], cujos traços são organizados, “talvez”, por associações causais, que correspondem a lembranças conceituais. O terceiro registro, proposto na Carta 52, o da pré-consciência, **Vb** [Vorbewusstsein], “se liga às representações verbais”.

Não existe, portanto, uma percepção bruta, espontânea. A consciência da realidade só é conferida a uma certa ordem de fatos quando passar pelo processo associativo na memória. Em outras palavras, a consciência só é possível graças aos modos de escrita I e II, em que o pensamento e a recordação associam-se conforme processos inconscientes.

A consciência é para Freud um órgão dos sentidos para as percepções e, ao mesmo tempo, um órgão dos sentidos para os processos de pensamento. No entanto, a percepção e a consciência não se confundem, tanto é que Freud as mantém separadas, embora topicamente reunidas no sistema percepção-consciência. “Percepção e consciência estão , ao mesmo tempo, em continuidade e disjuntas, entre a pele e a carne, pela localização do inconsciente no lugar do

Outro”⁴⁰. Precisa haver um ato do sujeito para que o percebido se torne consciente. Enquanto esse ato não se realiza, a percepção permanece no nível do inconsciente.

Os registros são sucessivos, correspondendo a momentos do desenvolvimento individual, em que a passagem de um registro para o outro se faz através de uma tradução do material psíquico. Essa tradução equivale aos reordenamentos ou às retranscrições a que Freud se refere no início da carta. Cada transcrição inibe a anterior e desvia seu processo excitatório. Quando não ocorre uma transcrição, a excitação segue obedecendo às leis que vigoravam no período anterior. O recalçamento é concebido aqui como a recusa de uma tradução que geraria desprazer. O início de geração de desprazer provocado por uma tradução do material psíquico provocaria uma perturbação no pensamento, e o trabalho de tradução não seria completado. Não se trata, portanto, de uma falha mecânica, mas de uma defesa.

De acordo com Moraes⁴¹,

“a consequência fundamental da não tradução de parte do material mnêmico para a concepção da memória é que o que foi recalçado sobrevive. A maneira como Freud concebe a memória contempla, pelo recalçamento, não só a possibilidade de sobrevivência de traços de um período até um período posterior, onde já atuam novas leis, como também a de que todo estado anterior do conteúdo da memória possa ser restabelecido através da fala, mesmo que todos os elementos tenham trocado seus vínculos originários por outros novos.”

Colocada desta maneira, diz a autora,

“a memória não é um processo mecânico pontual, não é reprodução idêntica de um traço imutável, memória da consciência, mas um processo dinâmico completamente inacessível à experiência, de forma que os acontecimentos que, na passagem de um registro para outro, não são reinscritos, vão permanecer num outro lugar, e, como o que vale para um registro não vale para outro, emitirão sinais distorcidos de sua existência, por exemplo, no esquecimento, ou no sintoma”⁴².

⁴⁰ Rabinovitch, S.,(2001) A forclusão: presos do lado de fora, trad. de Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.46.

⁴¹ Moraes, M.R. Materna/Estrangeira: o que Freud fez da língua. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: 1999, p.32.

⁴² Idem, ibidem.

É importante destacar aqui o que há de significativo neste primeiro modo de escrita da memória. Os sinais de percepção guardam, em princípio, a possibilidade de, por exemplo, serem ou não representados em imagens ou traduzidos em palavras, ou seja, de ganharem um sentido. No caso de crianças mudas, de acordo com Laznik-Penot⁴³, esses significantes

“podem, então ser traduzidos pelo pré-consciente em encenações sem palavras,[...]. Aliás, nelas, é manifesto que um texto sustenta a transposição em imagens como no tempo do cinema mudo. Se o aparelho psíquico da criança funcionar apenas no primeiro nível de registro dos traços mnésicos, estes permanecerão inacessíveis”.

Lacan⁴⁴ dá aos sinais perceptivos, que correspondem à primeira inscrição, o nome de significantes. Ele acrescenta que já se trata, aí, de uma primeira organização significativa, pois vê na organização por simultaneidade que os caracteriza, o que chama de sincronia significativa. Diz ainda Lacan⁴⁵ que Freud,

“quando retorna a esse lugar na *Traumdeutung*, designa ainda outras camadas, onde os traços se constituem dessa vez por analogias. Podemos reencontrar aí as funções de contraste e de semelhança tão essenciais na constituição da metáfora, que se introduz, esta, por uma diacronia”.

Qual será, então, o mecanismo de defesa próprio a esse primeiro registro dos sinais receptivos? Lacan propôs em 1959 a elisão⁴⁶ como sendo o mecanismo de defesa específico deste primeiro registro de inscrição. As coisas, diz ele, seriam *vermeidet*, elididas, ou seja, a percepção de determinado objeto pode cessar (cessar no sentido de não se tornar representação, ou seja, entrar no campo do simbólico), pois algo barrou a passagem desses sinais, bloqueando a função de representação. Existe, portanto, a possibilidade de esses sinais não se tornarem representações e permanecerem como percepções.

⁴³ Laznik-Penot, M.C.(1997) Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, p.59.

⁴⁴ Lacan J. (1963-64) Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por J. Miller, tradução. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979, p.48.

⁴⁵ Idem, ibidem.

⁴⁶ Lacan J.(1959-60), A ética da psicanálise, Seminário 7, Texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Antônio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.80.

Isso quer dizer que em W (percepção), o percebido pode ser evitado. Se evitado, não deixa marca. Se deixar marca, esta é Wz (sinal de percepção). Este sinal de percepção subsiste sob duas faces: a face de percebido real, *Wahrnehmung*, e a face simbólica de signo, *Zeichen*. Mesmo passado a significante, o signo de percepção permanece sempre associado à face de real sonoro, visual ou motor; é o que lastreia o significante.

Este primeiro modo de escrita representa um estado primordial, o lugar eleito para aquilo que Lacan chama de foraclusão, a *Verwerfung*⁴⁷ de Freud: o que não entra na possibilidade de significação reaparece como sinal de percepção, ou o que é recusado pelo Simbólico reaparece no Real.

O que foi visto sobre o aparelho psíquico sugere a idéia de uma inscrição, ou seja, de que a fundação do psíquico e em sua articulação com o somático está em jogo uma questão de escrita. Daí se tomar a estruturação da subjetividade como uma escrita psíquica.

Como essas inscrições ocorrem no caso de Elaine? A surdez não impede a constituição do aparelho psíquico, mas convoca outros meios para que isso se dê, ou seja, a singularidade da relação de Elaine com a linguagem e com o Outro determinaram as inscrições e as reinscrições, como se verá na terceira parte deste trabalho. Vale dizer que essa singularidade é determinante tanto para surdos como para ouvintes.

O que Freud diz sobre o aparelho psíquico, sugerindo a idéia de uma inscrição em sua articulação com o somático, formula a relação entre o corpo e a linguagem, a inscrição do significante no corpo, a inscrição da letra.

⁴⁷ Segundo Luiz Alberto Hanns (Dicionário Comentado do Alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996, p.374), "*Verwerfung*" seria um tipo de "negação" pertinente à psicose. Consistiria em rejeitar ao nível do processo primário algo que deveria ser simbolizado".

3.2. Como se dá a inscrição da letra no corpo?

Só é possível falar em letra (o significante em sua materialidade) quando o que se provoca no corpo é mais do que meramente estímulo. É preciso ultrapassar o registro da percepção, para que ela se instale como marca de memória. Não basta produzir um desequilíbrio na homeostase corporal, biológica. Esse desequilíbrio, esse estímulo tem que estar configurado, de algum modo que permita sua retenção como marca, pois se sabe que nem tudo que faz estímulo faz marca. Do contrário, haveria a necessidade de uma memória interminável. Assim, há algo que adentra no registro da percepção que se extingue, passa e se apaga, mas há percepções que se guardam como marcas e não são quaisquer umas, senão aquelas sublinhadas pelo Outro. É por isso que essas marcas adquirem o estatuto de letra, e é com elas que a mãe vai escrever sobre o corpo do bebê, dando-lhe um lugar discursivo, habilitando-o a falar.

Para que um estímulo cumpra sua função, ou seja, entre no terreno do registro e situe um sujeito na dimensão do desejo, é necessário o Outro que introduza o estímulo na dimensão do discurso, do significante.

A dimensão do significante pode ser pensada como uma anterioridade lógica da inscrição da linguagem no sujeito. Essa anterioridade é estruturada por momentos insuperáveis, mas necessários, porque fundantes, em torno dos quais se dá todo o encaminhamento do sujeito. Como diz Lacan⁴⁸,

"antes mesmo que a aprendizagem da linguagem seja elaborada no plano motor e no plano auditivo, e no plano de que ele compreenda o que lhe é dito, já existe a simbolização - desde a origem, desde as primeiras relações com o objeto materno como objeto primordial, primitivo, do qual depende sua subsistência no mundo. Esse objeto, com efeito, já está introduzido como tal no processo de simbolização, e desempenha um papel que introduz no mundo a existência do significante. É isso, num estágio ultraprecoce".

⁴⁸ Lacan, J. (1999) Seminário 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p.231.

Dessa forma, o que faz marca depende da decisão do Outro primordial, da mãe ou de um agente cuidador. Assim também, as marcas só adquirem estatuto de letras quando na dimensão de significantes, ou seja, a imagem da cena é significativa para o sujeito quando o Outro faz do estímulo uma letra.

As estruturas clínicas vão depender para a sua formação, da matriz lógica em que, ou através da qual, a letra se instala no corpo do bebê num certo ordenamento lógico. Esse ordenamento não é inato, mas depende da decisão do Outro, e tem a extensão de uma vida toda. Uma vez instalada, a letra não se apaga mais. Pode ser recalçada, pode ser retida, desviada, configurada, substituída em sua função, mas não se apaga nunca.

4. A entrada da criança no simbólico

Constrói-se com a linguagem uma rede de elementos através da qual se encontram meios de identificação. Situa-se com isso o Outro a quem se dirige. Assim, não se é apenas Fulano de Tal, filho de Sicrano, neto de Beltrano, mas parte de uma rede de relações, por onde se apreende algo da enigmática significação de si. Para que isso se dê é preciso que o sujeito seja, em primeiro lugar, suposto. Como isso se dá? Para Weill⁴⁹,

“o começo absoluto da coisa humana implica a transmissão pela mãe do “espírito” do significante. [...] esse espírito pode passar tanto através do som, por intermédio da sonata materna, quanto através dos gestos de uma mãe surda-muda. Se há continuidade entre o real inaudito do inconsciente e o real do corpo, isso implica que os gestos do corpo materno detêm o poder, transmitindo a parte de invisibilidade desse corpo, de transmitir, ao mesmo tempo, o real inaudito do inconsciente: o terceiro ouvido – o do sujeito do inconsciente – ouve tanto o som que está no movimento quanto o movimento que está no som.”

Dessa forma, entende-se que o “espírito significativo” é transmitido mesmo quando fora da fonemática, pelo que se “escuta” do movimento. No caso descrito

⁴⁹ Weill, A. D. *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, p.27.

neste trabalho – mãe ouvinte/criança surda – a transmissão deu-se, principalmente, pelos movimentos corporais. Não se trata de qualquer movimento, mas daquele cujo sentido toca o corpo respondendo a uma demanda, e isso implica o Outro. É somente dessa forma que a criança tem possibilidade de entrar no simbólico. Melhor dizendo, “o espírito significante”- a letra - só é transmitido quando tem endereço. Seria possível falar do momento em que isso se dá?

Considerando a relação da criança com a língua, o momento de sua entrada no simbólico só pode ser tomado como mítico. Sigmund Freud encena esse instante em *Além do Princípio do Prazer*⁵⁰: ao abrir a cortina do berço de seu neto de 1 ano e 8 meses, Ernst, encontra-o brincando com um carretel preso a um barbante, jogando-o por cima da grade do berço, fazendo-o desaparecer e reaparecer, emitindo sons, que foram interpretados como aqui/lá (em alemão Fort/Da). A interpretação desses sons faz de um simples jogo de oposição - que pode ser de sons ou de gestos - uma oposição significante. A partir do momento em que se considera que há uma fala oral ou gestual (faço aqui um uso metafórico de "fala" como acontecimento da língua), isso implica logicamente uma língua, e, no caso da criança surda, uma língua de sinais.

Por que uma origem mítica? Porque não é uma origem empírica que Freud apresenta. Embora referindo-se ao relato de uma observação de uma criança ouvinte, essa simbolização primordial não deve ser confundida com uma primeira emissão vocal da criança - o neto de Freud já tinha 18 meses, portanto, já emitia sons identificáveis como palavras alemãs. Trata-se do que ali aparecia para Freud como um instante de emancipação, em que o neto se desliga do uso do signo como simples funcionalidade (ligando palavras e coisas - através de sons ou de gestos) no seu valor de uso, para agenciar esse signo como valor combinatório, ou sintático, como valor de troca, como social.

O que isso quer dizer? Quer dizer que Freud chama a atenção não para a realidade plena da cena, observável, em que o neto faz acompanhar seus gestos de modulações sonoras, iluminando uma cena de interação sujeito objeto, mas para

⁵⁰ Cf. Sigmund Freud, *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Delta, vol.V, pp. 509-671.

uma outra ordem de observacionalidade. Nesse jogo de presença e ausência, um elemento substitui outro e o desloca; o elemento substituinte invoca o outro, substituindo-o; a criança acede ao símbolo, participa de uma atividade gramatical, que permitirá sua introdução na ordem simbólica, deixando-se capturar por ela. A função simbólica é inseparável do discurso, na medida em que nele fazem sentido as regras sociais, os interditos, as promessas, as crenças; e em que a criança, por sua fala como acontecimento de língua, nela se torna sujeito.

O jogo da criança com o carretel pode ser interpretado como jogo com a presença e a ausência da mãe, como o objeto de que a criança pode se desfazer e recuperar. Mas o que se destaca da descrição é o fato de que a criança lida, nesse jogo, com as contrariedades do desejo. O objeto "carretel preso por um barbante" é indiferente, só serve para modular a alternância em que Freud tem, segundo o psicanalista Jacques Lacan, "o vislumbre luminoso da entrada do indivíduo numa ordem que o sustenta e acolhe sob a forma da linguagem"⁵¹. No jogo de presença/ausência, o objeto é desvitalizado, ou seja, perde seu valor como objeto - já é um signo - passa para o plano da linguagem.

O que mobiliza a criança é a experiência de ocupar distintas posições no universo da língua materna, o que ela, assim, apreende no deslocamento de posição e de função, como peça do jogo fantasmático materno.

Nesse percurso, a passagem fundamental é que a criança se situe como presença e como ausência. Como nos lembra Veras⁵², a criança se atira num cantofalado de corpo inteiro, emitindo um o-o-o-o que prolonga seu gesto, até que

"puxa de volta o carretel e uma oclusiva"⁵³ interrompe aquele canto, o Da não prolonga, mas corta, interrompe, sua boca fecha, o tímpano registra o pulso, e a oposição fonológica recorta o contínuo fonético, temperando a vibração sonora e permitindo a escuta, significada pelo outro, sancionada pelo Outro. Fort-Da, fora-aqui, vai-vem/vem-vai. Ela repete, articula – articular é romper, sacrificar, instaurando a ordem necessária da perda."

⁵¹ Jacques Lacan, "O seminário sobre 'A carta roubada' ", in *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.51.

⁵² Viviane Veras, *A Inter-Dicção do Singular*, Cadernos de Estudos Lingüísticos, no. 38, Campinas: Unicamp/IEL, pp.121-129, 2000.

⁵³ Jacques Lacan, *L'Identification*, seminário inédito.

A passagem para o simbólico se abre, então, pela via de uma falta, um lugar que se abre, rompendo a continuidade inaugural, permitindo a manifestação da alteridade, da diferença. É justamente na linguagem (de sons ou de sinais) que a função da falta se impõe para o ser humano. A falta aparece nas sociedades humanas como figuras do ausente: o ancestral, a morte, Deus.

Capturada pela linguagem, "quando a criança entra na fala, diz o psicanalista Jean Bergès, isso não significa entrar no barulho"⁵⁴. Ou seja, a fala da mãe (sons ou sinais) força a entrada da criança na linguagem, e a voz ou os gestos dessa criança, puro fluxo de sons, balbucios, olhares, amontoado de gestos, perdem-se como voz e como gesto, para se tornarem parte da língua.

Nesta passagem de Jean Bergès e Gabriel Balbo, citada acima, tem-se que "é o papel da mãe dar um certo imaginário, mas imaginário que se sustenta da fala, dar vida a esse corpo e permitir tornar-se o que ele virá a ser".

Para falar da entrada da criança na linguagem, Balbo parte do "estágio do espelho, tal como foi desenvolvido por Lacan:

"Em torno do sexto mês, a criança jubila diante de sua imagem que ela vê num espelho. É bem evidente que essa jubilação não é banal porque ela lhe permite, ao bebê que está desde o nascimento na prematuração, ultrapassá-la numa certa desarmonia que se avalia entre o que ele é e o que ele poderia vir a ser ou deveria ser, idealmente. Quando ele se encontra diante do espelho e jubila-se, tudo o que é relativo ao esfacelamento ordena-se em torno de um eixo, de uma certa imagem que ele antecipa no espelho, antecipação graças à qual ele vai poder pensar, coordenar ao mesmo tempo o que é motor e o que é psíquico"⁵⁵.

Assim, a primeira antecipação psicomotora e psíquica diante do espelho é o que tem podido aí ser significativo no discurso da mãe quando ela se ocupou da criança desde o nascimento.

O que é importante neste estágio é a antecipação - o contraste entre o que é antecipado e a prematuridade de quem precisa ser carregado e nutrido. É a mãe, como sistema extra corporal que se encarrega de todas as funções.

⁵⁴ Jean Bergès e Gabriel Balbo, "Do corpo à letra", transcrição de uma conferência de 01 de outubro de 1994, em Poitiers in *Revue de l'Association Freudienne*: La psychanalyse de l'enfant, n. 20, Paris, nov. 1996.

⁵⁵ Idem, ibidem.

Quando a mãe vê que seu filho jubila diante do espelho, percebe que ele não faz mais parte de seu corpo, não é mais um prolongamento seu. É quando a criança se volta para olhar sua mãe em outro lugar - retorno de adeus com valor de castração simbólica. A mãe só pode nomeá-la: é você. É na fase do espelho que a criança vai descobrir seu corpo no corpo do outro.

Quando a mãe fala, de letra em letra, de palavra em palavra, fragmenta o corpo de seu filho e ao mesmo tempo o reúne, pois este corpo vai se sustentar numa certa sintaxe. É nesse sentido que o corpo é tomado numa estrutura que é falada.

A mãe envia a voz, e isso é compreendido entre ela e seu filho, em uma língua particular, feita de pequenos pedaços. Num certo momento, a mãe fala com a voz da linguagem e a criança é obrigada a entrar na linguagem. A letra cai da boca da mãe e a criança tenta reter algo.

Em torno do objeto voz, que tem um lugar fundamental na relação entre a mãe e a criança, é que se dá o enodamento entre o imaginário (o que a criança vê de seu corpo, graças aos cuidados de sua mãe), o Simbólico (das funções que são as suas e das quais lhe fala sua mãe) e o Real (que é a ordem do corpo). É em torno desse objeto voz que real, simbólico e imaginário vão enodar-se inicialmente.

A voz da mãe carrega e organiza, torna compreensíveis, segundo a sintaxe, as desinências, as leis da gramática e da fonética. A voz da mãe tem o poder de recalçamento. Esse recalçamento, essa entrada na linguagem, devido à voz da mãe se faz ao preço disso que a voz da criança vai perder, tornar-se da língua, tornar-se da fala.

Na surdez a entrada na linguagem não se faz do lado dos fonemas que permitem ao significante ser diferente dele mesmo. Portanto, não é somente através da orelha que o preço deverá ser pago, mas ao preço do significante engrenado ao corpo, afirmam Bergés & Balbo⁵⁶.

O choro é um apelo. Para a criança que ouve, o choro vai cortar o silêncio, e, se não for respondido, é ao silêncio que ele retorna: pois é a resposta que o apelo antecipa, e é apenas com esta resposta que o apelo adquire sentido. Porém, na

⁵⁶ Jean Bergés e Gabriel Balbo, 1996, op. cit.

criança surda, essa resposta não pode ser da ordem fonemática: é o corpo da mãe, seus lábios e todos os seus órgãos fonatórios, seu olhar, sua carícia que respondem: é no olhar do filho e em seu corpo que a mensagem se torna linguageira. O choro está ligado ao corpo pela fonação, e está inicialmente do lado do suspiro, da emissão de ar, ritmada e pontuada. O choro como a voz é primeiro um órgão: órgão da função respiratória, ao qual subjaz uma tensão torácica, um esforço que põe em jogo a extensão das pernas, a flexão das mãos e dos antebraços.

A voz do surdo, assim como a do que ouve, separa-se do corpo por meio do choro, verdadeiro objeto que representa parcialmente a função fonatória; neste caso, porém, ela não vai atingir o ouvido, surpreendê-lo, mas vai atingir o corpo, que constitui aqui uma verdadeira caixa de ressonância, criando esboços dessas vibrações que serão mais tarde utilizadas para permitir que o surdo aceda à palavra. O que cria essas vibrações que vão ressoar no corpo é a parte deste corpo que é um orifício, o primeiro interessado no gozo: a boca. E compreende-se até que ponto é decisivo o investimento dessa zona; e são conhecidas as seqüelas do não retorno do desejo pela via auditiva, quando o choro não ouve nada de sua voz, reconhecida e prolongada na voz que responde.

Para Bergés & Balbo⁵⁷, a criança constrói uma língua se lhe supomos uma, por isso é preciso que a mãe lhe demande, não basta tagarelar. Portanto, a mãe que responde somente à necessidade é uma mãe que tem por desígnio asfixiar o pulsional na criança.

Os cuidados despertam a curiosidade, ou seja, o desejo de saber que se encontra, na sucessão dos cuidados da mãe, o tocar, o espanto da criança por ocasião desses cuidados e o devir da palavra que passa do cuidado ao desejo de conhecer, à curiosidade. **A mãe introduz o simbólico no tocar.**

No caso da surdez, evoca-se a importância do olho como operador da relação entre a criança e a mãe. É como se toda a curiosidade fosse devolvida ao olhar causando uma falta de curiosidade motora, o que pode certamente acontecer no caso de surdos oralizados, porque é a articulação, os lábios do outro que estarão

⁵⁷ Bergés e Balbo, 1996, op. cit.

evidenciados. “É o caso em que o corpo não serve de receptáculo e em que o olho é o único ponto sobre o qual e a partir do qual um trabalho pode ser feito”⁵⁸..

Bergès & Balbo⁵⁹ referem-se ao processo inverso: quando o corpo só serve de receptáculo havendo queda completa da voz como objeto *a*⁶⁰, deixando a supremacia para o tocar. Assim, a mãe é eliminada por uma tal destituição da voz e passa a ser nada mais do que aquela que toca.

Coloca-se aqui a questão do déficit ou do excesso de funcionamento desencadeado por essa excitação entre uma satisfação ou um gozo que se arrisca a ser sem limites.

Bergés & Balbo⁶¹ lembram que, de acordo com Freud,

“é pelos cuidados da mãe para com sua criança que se estabelece entre elas um comércio e que, ao mesmo tempo, esse comércio poderia desviar-se. Isto significa que por meio desse comércio a mãe ensina à criança o amor, ela a introduz à realidade de uma teoria sexual possível – uma possibilidade de vir a ser para o sujeito”.

Depois da teoria lacaniana do significante, pode-se dizer que, na verdade, nada entra na ordem do mero registro literal no ser humano. Nenhum conhecimento se guarda tal como ele foi, senão que o que dele se guarda na memória são certos traços, podendo ser um pequeno traço completamente lateral ou circunstancial.

O que determina qual é o traço que se guarda na memória não é então o nível de prevalência imaginária desse traço no conjunto, **senão que é o traço que aparece sublinhado pelo olhar do Outro**. É nele que se vai buscar a significação do acontecimento. O que se seleciona da percepção para ficar como marca na

⁵⁸Bergés, J. & Balbo, (2001)G. A atualidade das teorias sexuais infantis. Porto Alegre: CMC Editora, p.71.

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰Objeto (pequeno) *a*:" termo introduzido por Lacan em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um resto não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o objeto da sucção (seio), o objeto da excreção (fezes) e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo” (Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 551).

⁶¹ Bergés, J. & Balbo, 2001, op. cit., p.71.

memória não é da ordem de uma imagem (o signo lingüístico não está ligado a seu referente).

Se o signo lingüístico estivesse ligado ao seu referente, seria uma imagem que estaria situada na memória. Freud distingue palavra-objeto e palavra-abstrata ou palavra-coisa, em que a coisa não é precisamente objeto. Essas discussões questionam as práticas sociais e as práticas educativas, a questão da concepção da leitura e escrita, a concepção da relação dos signos com as coisas na língua, a posição do sujeito, a posição da cura, a posição do sofrimento, a relação de Elaine com a escrita.

Portanto, como diz Vorcaro⁶²,

"é na articulação significante que começam a entrar em jogo os primeiros termos de soletração, termos elementares que enlaçam um significante a outro significante, e que já produzem efeitos, posto que esse significante não é manipulável em sua definição a menos que isso tenha um sentido, que ele represente, para outro significante, um sujeito, e nada mais. Não há nada em comum entre o sujeito do conhecimento e o sujeito do significante".

A letra se constitui como ponto de interrogação endereçada ao outro. Se a mãe não faz essa posição de enigma da letra, ela não cumpre a sua função fundamental que é transformar as imagens, numa ordem significante que não é decifrável na imagem mesma, senão que só é decifrável na instância da linguagem.

Então, esta descoberta da instância da letra no inconsciente é o que perfaz o ponto de articulação de toda a psicopatologia. Se a mãe não faz da letra enigma, a criança se liga à letra como real. E se ela se liga à letra como real, é psicótica.

É possível resumir, a partir das afirmações de Jerusalinsky⁶³, a constituição do sujeito em três grandes momentos: **o primeiro** que se caracteriza centralmente, pelo fato de que tem que haver alguém que suponha, no bebê, um sujeito. Quer dizer que o imperativo desse grande Outro não se opera meramente na ordem da abstração, senão que tem que haver alguém concreto que cumpra esse papel. Esse momento é

⁶² Vorcaro, A.(2001) O organismo e a linguagem maternante: hipótese de trabalho sobre as condições do advento da fala e seus sintomas(inédito).

⁶³ Jerusalinsky, A . Seminários I – Seminários proferidos no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, nos dias 19 de março, 23 de maio e 11 de junho de 2001, pp.40-82.

aquele em que o sujeito é suposto. Trata-se da inscrição do S1, significante que marca qual é a posição no discurso do sujeito que ali fala. S1 é a simbolização do desejo da mãe.

O segundo momento consiste em recortar no real uma porção vazia, ou seja, um buraco, onde o Outro primordial se arroga o arbítrio de determinar qual é o objeto que ali vai. E mais ainda, um modo de designá-lo, que se chama S2⁶⁴.

O terceiro momento consiste em marcar a diferença de objeto. Essa diferença necessária no interior de S2 que denota qual é o grau de liberdade na escolha por parte do sujeito e qual é o limite da arbitrariedade do Outro na imposição. Esses três momentos estão em tramitação na infância. Essa é a razão, segundo Jerusalinsky⁶⁵ pela qual a posição do sujeito em relação ao seu objeto está indecisa: porque isto está se constituindo e depende das vicissitudes. Essas operações determinam em que posição psicopatológica vai ficar esse sujeito.

Sobre o fato de as estruturas psíquicas serem indecisas na infância, o autor argumenta que a posição significante, que marca como o sujeito será escutado por outro, é o que decide os atos do sujeito. O psicótico, por exemplo, não sabe que posição ele tem no Outro. Saber sobre essa posição é o que diferencia a posição na estrutura psíquica de um adulto e de uma criança. O autor diz ainda que:

“as estruturas psíquicas são provisórias na infância: depende de como a criança venha a se separar no seu processo de produção subjetiva, desta amálgama que constitui seu corpo que não é puro corpo, não é pura libra de carne, não é puro bife...a criança não é um bife sináptico, senão que é essa amálgama e que vai depender de como se articula esse recalque originário, como a criança virá a lidar com os objetos que lhe antecipam, aqui em nome do qual ela suporta ou não a castração”⁶⁶.

Portanto, o surgimento do sujeito do desejo depende fundamentalmente do cumprimento destes momentos. Mas, e quando se trata de crianças com problemas

⁶⁴ S2 é o significante que substitui, simboliza ou neutraliza o desejo do Outro. O resultado é o advento do sujeito como tal, o sujeito não como um mero marcador de lugar simbólico, mas um sujeito desejante. Ao se instalar o S2, o S1 é determinado retroativamente.

⁶⁵ A .Jerusalinsky, 2001, op. cit., pp.40-82.

⁶⁶ A . Jerusalinski, ano, op. cit., p.82.

orgânicos? Para elas, também, é necessário que se cumpram as mesmas premissas.

Recorde-se que, dependendo de como as primeiras marcas fundantes, as primeiras inscrições no corpo sejam instaladas, irão possibilitar ou impedir o surgimento do desejo.

Para que essa escritura se dê, segundo Coriat⁶⁷, é necessário uma mão dirigida desde o simbólico e também o papel, que é representado pela superfície corporal: as extensões periféricas do sistema nervoso central ocupam-se de levar a informação ao cérebro e ali fica instalado o registro definitivo. As letras da mensagem ficam escritas em código químico e a informação é transmitida por via química e elétrica.

Por essa via, é possível dizer que a psicanálise ocupa-se dos efeitos do escrito e a neurologia do papel. Há uma grande variedade de qualidades de papel. Há papéis sobre os quais a mão que escreve desliza quase sem se dar conta, e, no entanto, os caracteres que ali aparecem resultam nítidos e claros – aqui se fala de crianças normais. Há papéis sobre os quais, por diversos motivos, é mais difícil escrever. O papel pode apresentar uma superfície que não permite à caneta deslizar com facilidade, pode estar entrecortado, pode ser necessário que o toque da mão tenha que ser diferenciado para que algo se inscreva. É sempre de um toque singular que se trata, porque como disse Lacan,

uma criança não é uma criança abstrata; ela teve uma história e uma história que se especifica por essa particularidade: não é a mesma coisa ter tido sua mamãe ou a mamãe do vizinho[...]⁶⁸.

Com crianças surdas congênitas ou com surdez profunda adquirida muito cedo, como no caso de Elaine, é preciso que o silêncio seja cortado para que seu apelo adquira sentido. De acordo com Bergés & Balbo⁶⁹, essa resposta não pode ser de ordem fonemática, é o corpo da mãe, seus lábios e todos os seus órgãos

⁶⁷ Coriat, E. De que se trata...uma criança? In: Congresso Internacional de psicanálise e suas conexões, tomo 1, Escola Lacaniana de Psicanálise, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, pp.151-157.

⁶⁸ Lacan, J. "Conférences et entretiens", pp.44-45.

fonatórios, seu olhar, sua carícia, que respondem: é no olhar do filho e em seu corpo que recebem e que imitam, que a mensagem se torna languageira. Isso permite que se diga com os autores que “a letra não está somente do lado da fonética e do lado da diferença significativa que é diferente do precedente, mas também do lado da letra enquanto ela é lida, então visível, ou seja, no corpo”⁷⁰.

Nesse encontro com o Outro, dessa letra que se inscreve, é o real do organismo que se transforma porque essa letra ficou escrita.

De acordo com Coriat⁷¹,

“as investigações sobre plasticidade cerebral nos dão a indicação de que o Outro, ao incidir sobre o sistema nervoso central, e especialmente nos primeiros tempos, “desenha” o cérebro.[...] Se as letras foram colocadas na ordem adequada e se o organismo conta com a informação biológica para continuar desenvolvendo de forma correta seu processo de maturação, o bebê poderá aceder ao júbilo com que reconhece sua imagem no espelho no momento esperado. Se falhar qualquer das duas condições, se dará mais tarde, ou não se poderá dar. As sucessivas experiências lhe permitirão depois recortar a imagem de sua mãe como um objeto diferente de todos os objetos do mundo e só então haverá uma direção específica para sua demanda”.

Nesta nova realidade, as letras, até agora soltas, mas que já tatuaram profundamente as zonas erógenas, poderão dar o salto que as articule como significantes. Se tudo aconteceu como convém, a criança já terá sido assujeitada. Começará a se converter em sujeito de direito próprio quando, desde os significantes já nela instalados, começar a manipular objetos no jogo do “*Fort Da*”. Daí em diante, o jogo permitirá a apropriação e elaboração dos significantes que a marcaram.

Em qualquer área, o atraso na produção de uma resposta por parte da criança, ainda que sua causa seja exclusivamente orgânica, torna-se por sua vez, para os pais, num problema que termina afetando, em maior ou menor medida, o lugar que outorgam a seu filho e a demanda que lhe dirigem. Sobre um contratempo

⁶⁹ Bergés, J.& Balbo G. A criança e a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997,pp.201-203.

⁷⁰ Jean Bergés e Gabriel Balbo, “Do corpo à letra”, transcrição de uma conferência de 01 de outubro de 1994, em Poitiers in *Revue de l'Association Freudienne*: La psychanalyse de l'enfant, n. 20, Paris, nov., 1996.

⁷¹ E. Coriat, 1999, op. cit., p.24.

neurológico, por exemplo, se termina enlaçando, também todo um nó na ordem significante.

Viu-se a importância da descoberta freudiana que descentraliza o sujeito da consciência de si e que para liberar-se tem que ser introduzido na linguagem de seu desejo, fazendo-se ouvir no que não diz, introduzido no simbólico pelo Outro que escreve no seu corpo as letras do sintoma. Assim, a estrutura da linguagem é revelada pela própria experiência do saber inconsciente.

A constituição da linguagem, segundo a hipótese do aparelho psíquico de Freud, opõe-se à correspondência biunívoca entre as palavras e as coisas quando desloca a noção de representação, afirmando que a significação resulta da articulação entre representação-objeto e representação-palavra. A representação-palavra e a representação-objeto são, em si mesmas, fulcros de associações. Do que decorre que nenhum ato de percepção se faz independentemente da linguagem.

Quando Freud define o aparelho psíquico como um aparelho de memória, os processos psíquicos são relacionados com uma inscrição psíquica: traço mnêmico, como rastro de uma impressão. A impressão, assim como a percepção, sendo da ordem da representação, é reconstituída na constituição do psiquismo.

Com a noção de traço mnêmico, Freud representa a metáfora da escrita sem colocá-la a serviço da oralidade, contrariando o fonocentrismo do seu tempo.

O que foi visto até agora se revela de suma importância para esta tese, possibilitando uma reflexão teórica a respeito da escrita de Elaine.

Além disso, é preciso enfocar a hipótese sobre a origem da escrita que resultou das pesquisas freudianas retomadas por Lacan e que estão presentes em Allouch⁷² e Pommier⁷³. Essa hipótese estabelece a ligação entre a letra no inconsciente e a escrita, o que fundamenta minha tese de que a relação de Elaine com a escrita reflete uma estrutura psíquica, fruto da singularidade característica

⁷² Allouch, J., *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

⁷³ Pommier, G. (1993). *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris Press Universitaires de France.

com que cada sujeito entra no simbólico, ao contrário de ter sido determinada somente por procedimentos educacionais.

CAPÍTULO 3

A ORIGEM DA ESCRITA

1. Uma hipótese

O que começou com a descoberta de Freud foi uma outra abordagem da linguagem, uma outra abordagem da língua. O interesse de Freud pelas línguas arcaicas e pelo desenvolvimento da linguagem é manifestado em dois de seus artigos: “*O sentido antitético das palavras primitivas*”, de 1910, e “*O estranho*” de 1919, que trazem uma importante contribuição à compreensão de problemas da área da psicanálise. A hipótese que justifica seu interesse é a de que se poderia encontrar uma analogia entre a linguagem do sonho e a da psicose e os estágios anteriores na história da linguagem.

Lacan¹, retomando a obra de Freud na “*Interpretação dos sonhos*” (*Traumdeutung*), relembra

“que o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva”.

Assim, a letra da escrita procede de um mesmo princípio que aquele do sonho ao título de uma rasura do inconsciente. Freud demonstra isso quando compara a imagem do sonho a um hieróglifo e mostra que essas figurações podem

¹ Lacan, J.(1901-1981). “Função e campo da fala e da linguagem”. In: Escritos. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.268.

ser lidas como rébus, isto é, como letras. Da mesma forma a interpretação de um sonho seria análoga ao deciframento de uma escrita figurativa da antigüidade como os hieróglifos egípcios. Lida como elemento de um rébus, a imagem do sonho libera, então, um sentido. Por extensão, o rébus, o lapso e a imagem do sonho, todos formações do inconsciente, apresentam uma estrutura literal.

O hieróglifo do sonho e a instância da letra no inconsciente se desenham graças à literalidade de um corpo que foi privado desde sempre de toda forma precisa, uma vez que sua aparência foi tomada no Outro e recalcada depois do nascimento. Eis porque essa escrita poderá emprestar tantas formas quanto se queira, como mostra a variabilidade das figuras do sonho ou a plasticidade do sintoma.

Freud² compara as grafias do sonho com os hieróglifos, não só por uma questão didática, mas porque entende que os procedimentos da escrita, não somente a egípcia mas também a alfabética se modelam como o sonho:

“parece-nos mais justo comparar o sonho a um sistema de escrita, que a uma língua. De fato, a interpretação de um sonho é análoga, do começo ao fim, ao deciframento de uma escrita figurativa da Antigüidade, como os hieróglifos egípcios. Em ambos os casos há certos elementos que não se destinam a ser interpretados (ou lidos, segundo for o caso), mas têm por intenção servir como ‘determinativos’, ou seja, estabelecer o significado de algum outro elemento. A plurivocidade dos diferentes elementos do sonho tem o seu equivalente nesses sistemas de escrita antiga, bem como a omissão de várias relações, que em ambos os casos tem que ser suprida pelo contexto”.

Pode-se dizer que o sonho é tomado como um texto. Então, em que consistiria o fato de se o ler? Se a psicanálise define-se como a clínica do escrito, “a leitura é confiada ao escrito, se faz vítima do escrito, aceita deixar a escrita conduzir seus passos”³. Isto quer dizer ler com o escrito – a transliteração - como denomina Allouch⁴. Como essa operação não bastaria para definir, por si só, um modo de

² Sigmund Freud, 1913, *O interesse científico da Psicanálise*, ESB, v. 13, Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.179-80.

³ Allouch, J., *Letra a Letra: traduzir, transcrever, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995, p.12.

⁴ Idem, p.16.

leitura, está articulada a outras duas: a tradução (registro do imaginário) e a transcrição (operação real). Essas operações nunca se dão isoladamente, mas pode ocorrer a prevalência de uma operação sobre a outra.

A **transcrição** é o escrever regulado pelo som. Allouch acrescenta que pode-se transcrever muitos outros objetos além do som – *dos movimentos complexos da dança ao simples jogo de cara ou coroa*⁵. **Traduzir** é escrever regulando o escrito pelo sentido.

Sobre a transliteração, que é o escrever regulado pelo escrito, tem-se ainda que

“a especificidade desta operação aparece melhor onde se lida com duas escrituras diferentes em seus próprios princípios. Poderemos ver e, parece-me, demonstrar, como essa transferência de uma escrita (aquela que se escreve) para uma outra (aquela que escreve) permite definir como simbólica a instância da letra. Mas essa definição da letra pela transliteração não implica que se deva supor algo como uma autonomia do escrito, que seja preciso considerá-lo como fechado em si. Ao contrário, a secundariedade, cujas conseqüências a transliteração, de certa forma, tira, exige reconhecer que o escrito constitui-se inicialmente no domínio de algo de ordem diferente daquela da letra, uma ordem que a história da escrita mostra ser a do significante. [...] isso quer dizer que a transliteração tem seu ponto de partida na transcrição mesmo que seja da primeira que a segunda possa, só-depois, ganhar sua razão”⁶.

Assim, o sonho (e também as outras formações do inconsciente) é tomado como um hieróglifo, no sentido em que resiste a uma compreensão imediata e só se deixa ler mediante um trabalho de deciframento: das imagens à escrita do sonho passa-se pelos três processos de leitura, ou seja, as operações de transcrição, tradução e transliteração, que estão na base da hipótese sobre a origem da escrita.

Em *Nascimento e Renascimento da Escrita*, Pommier⁷ coloca que a história da escrita se repete no ato de escrita de cada criança: do desenho obstinado, aos hieróglifos pessoais, à pictografia e à escrita alfabética, sem haver aí uma progressão lógica evidente. Dessa maneira, seria preciso mostrar qual é a

⁵ Jean Allouch, 1995, op.cit., p. 15.

Idem, ibidem.

⁶ Idem, p. 16.

⁷ Pommier, G. Naissance et renaissance de l'écriture. Paris: Press Universitaires de France, 1993.

articulação que existe entre a prática do desenho e a escrita (transcrição, tradução, transliteração?).

Para Pommier⁸,

“ao desenhar, a criança representa e apresenta seus sonhos, e a evolução de suas representações segue o mesmo trajeto de seus sonhos, cuja recordação sucumbe ao recalçamento. Os sonhos são esquecidos, quase todos, porque põem em cena um gozo que ocultamos. Se os primeiros desenhos possuem um valor idêntico ao dos sonhos, não estarão também presos a um recalçamento, cujo resto será escrito?”

O autor está sugerindo que a escrita é o retorno do recalcado, porque tudo o que foi recalcado se escreve. Essa escrita empresta tantas formas quanto se queira nas figuras do sonho ou na plasticidade do sintoma ou da palavra. Assim, a instância da letra no inconsciente, tal como é definida pela psicanálise, e a escrita têm uma mesma origem, e pode-se dizer com Pommier⁹ “que o grafismo do homem descende do sonho”.

De acordo com tal hipótese, a criança não escreverá antes de estabelecer uma certa relação com o valor psíquico da representação pictórica, o que significa que há um processo complexo que articula a passagem do desenho à escrita. Num primeiro momento é preciso negligenciar o valor figurativo da representação em favor do valor sonoro (transcrição) e depois apaga-se o lastro do valor de imagem (tradução), isto é, recalca-se o valor de gozo ligado à imagem. Sem esse recalçamento, aquele que lê ficará ligado à forma e não chegará a destacar um valor literal que só existe no apagamento.

Pommier responde à dificuldade em se negligenciar o valor de imagem de um desenho não privilegiando seu valor sonoro dizendo:

“A fascinação que exerce a imagem decorre da perda da nossa. Disso procede que a percepção do mundo que nos cerca será um paliativo e será de saída inteiramente antropomorfa. Nós nos reencontramos no mundo. Qualquer grafismo evocará a imagem de nosso próprio corpo, porque o seu gozo existiu inicialmente fora de nós, à mercê de uma mãe, que foi nosso primeiro universo: a eventual coalescência com esse gozo do visível pode impedir o traçado de outras formas que não aquelas desse corpo, cuja existência nos obseda e reclama confirmação. Assim, por

⁸ Gérard Pommier, 1993, op. cit., pp.7-9.

⁹ Idem, ibidem.

exemplo, essas casas tão freqüentemente antropomorfas nos desenhos das crianças (com as janelas figurando os olhos). Do mesmo modo, quando um grafismo é proposto à leitura ele arrisca hipnotizar o jovem leitor, porque a criança buscará aí encontrar a que ela se assemelha”¹⁰.

Os desenhos feitos pelas crianças inscrevem imagens do corpo que sofreu recalçamento após a entrada na linguagem. Da mesma forma, quando a criança lê, procura encontrar-se ou encontrar o vazio deixado por essa perda. Desse modo, Pommier terá mostrado que a escrita se funda sobre o apagamento da sua própria origem gráfica, da mesma maneira que o recalçamento concerne a imagem do corpo próprio. Na comunicação prevalece a imagem que, por precisa que seja, “não dirá jamais nada do recalçamento que comporta a fala e do qual a letra é testemunha, não se constituindo, portanto, em uma escrita”¹¹.

É possível concordar que a escrita propriamente dita começa quando a letra não representa mais nada, e que, perdendo toda sua virtude icônica, ganha a possibilidade de significar. Entretanto, o apagamento imagético em prol do valor sonoro, não garante a entrada na escrita, porque o som não é equivalente do signo escrito. Assim, uma identidade de som não garante uma identidade de letras, não somente porque letras diferentes podem ter sonoridade vizinha (por exemplo: f , v), mas também porque toda língua é vítima de uma certa homofonia. A escrita alfabética não reclama somente um destacamento do valor icônico, mas também o valor sonoro das grafias literais.

Essa hipótese sobre a origem da escrita é fundamental para este trabalho na medida em que a escrita é tomada como efeito da estrutura psíquica do sujeito e não como resultado de uma técnica pedagógica bem sucedida ou do fato de que os problemas de aprendizagem, quando existem, são relacionados a fatores puramente orgânicos. Trata-se aqui de considerar, como diz Pommier, que “a escrita requer do sujeito algo que está além da caneta, a saber, o inconsciente”¹².

¹⁰ Gérard Pommier, 1993, op. cit., p.81.

¹¹ Idem, p.206.

¹² Idem, p.286.

Essa proposta implica um corte radical com concepções que põem a fala e a escrita em correspondência, ou seja, a capacidade para a escrita não se reduz à tradução da sonoridade dos vocábulos na visibilidade das letras.

Para escrever, utilizam-se signos particulares que são as letras, decompondo as palavras em várias unidades. Entre as palavras pronunciadas e as letras isoladas existem diferenças que resultam nas suas características próprias. No texto sobre as afasias, Freud esboça algo semelhante, não apenas distinguindo palavra e letra, mas colocando-as em oposição.

Na leitura, reconhece-se dentro de um conjunto literal uma palavra que já se conhecia. Quando se escreve, o apoio não está no elemento visual, a não ser para formar palavras estrangeiras, nomes próprios, ou vocábulos só conhecidos através da leitura. A escrita toma como apoio os significantes e não as letras. Para pensar nesta distinção basta que se recorra à leitura de um texto em voz alta. O que se vê e o que se escuta se revelam ao mesmo tempo, e a contradição entre o visual e o auditivo produzirá dificuldades de compreensão. A atenção dispensada às imagens visuais apaga o sentido, da mesma forma como acontece com os sonhos: se houver apego ao valor das imagens, não haverá deciframento. Os sonhos se lêem como rébus e pode-se considerá-los como elementos literais distintos dos significantes, porque para lê-los é preciso esquecer seu valor de imagem e associá-los segundo sua sonoridade como na operação da leitura das letras escritas. Portanto, existe um modelo de escritura que precede historicamente a sua gênese: as próprias formações do inconsciente.

A hipótese que se desenha aqui é, portanto, a de que a instância da letra reside primeiro no inconsciente como resultado do recalçamento. Se há dificuldades para a escrita, não será porque ela está ligada ao retorno do recalcado que a precede? Nas palavras de Pommier¹³, “entre falar e escrever se tem toda a espessura do inconsciente que quem escreve tem que atravessar”.

A relação com a escrita alfabética evoca a relação que o sujeito mantém com o inconsciente. É esse o ponto sobre o qual se funda esta tese e é com essa

¹³ Gérard Pommier, 1993, op. cit., p.292.

hipótese que a produção escrita de Elaine é aqui pensada. É dessa relação que se trata quando se nomeia a escrita como um lugar psíquico de inscrição subjetiva. Assim, quando o sujeito é surdo, o “texto psíquico” se escreve por outras vias, determinando a prevalência do visual sobre o sonoro, convocando o corpo de forma diferenciada, ou seja, engajado no espaço.

Para que se possa dizer alguma coisa sobre a relação de Elaine com a escrita, é necessário dizer dos momentos que marcaram essa relação, ou seja, das escansões aí produzidas.

2. A escrita: lugar psíquico de constituição de subjetividade

A escrita é lugar de inscrição subjetiva de um ser, na dependência do estatuto desta língua para o sujeito.

Até chegarmos aqui, vários conceitos foram trazidos com a intenção de mostrar teoricamente como se concebe o nascimento do sujeito para a psicanálise, para legitimar o significante “corporeolinguagem”, representativo do que é inseparável neste sujeito efeito de linguagem. Tudo isso pretendeu construir um aparato que pudesse sustentar as reflexões a respeito da relação de um sujeito surdo com a escrita.

A história de Elaine, pensada sob uma visão clássica, dentro do discurso educacional e médico vigente no meio em que cresceu, poderia ser tomada como senso comum, igual a tantas outras. A análise de sua produção escrita pouco chamaria a atenção dos que trabalham com surdos nas escolas ou dos que se dedicam às pesquisas sobre o desempenho escolar e ao estudo da aquisição da linguagem de pessoas surdas. Sob esse ponto de vista, o desempenho de Elaine seria o esperado. Nomeiam-se os responsáveis, descreve-se sobre as causas orgânicas, criam-se metodologias, enfim, é todo um trabalho árduo para minimizar ou até mesmo ignorar as diferenças, numa tentativa vã de transformar o surdo em um ouvinte que não escuta. As próprias leis que apregoam a importância da inclusão só fazem mostrar o receio da diferença ou a inabilidade em lidar com ela.

Ao ignorar a especificidade de cada sujeito, o discurso perde-se em generalizações excluindo o que não se consegue nomear. Ao estudar a escrita de Elaine, também teria sido mais fácil ignorar os enigmas causados pelas diferenças e preencher o vazio do não dito. Resolvi encarar esse não dito, correndo o risco de não saber como nomeá-lo.

3. Assim, era uma vez...

Elaine não se lembra de ter sido chamada pelo seu nome, mas quer dar nomes a todas as coisas e reclama que as “palavras não grudam” quando se põe a escrever. Sempre com um dicionário por perto, as mãos fazem gestos, falam, o corpo se põe em movimento à procura do que os ouvidos não podem achar. A reclamação desta jovem surda é, na verdade, a questão que permeia este trabalho.

Segundo o relato da mãe, Elaine nasceu em 1978, ouvinte, filha de pais ouvintes, mas sua surdez foi diagnosticada aos 18 meses enquanto brincava com seu irmão, um ano mais jovem. O pequeno grita assustado com o barulho da moto de seu pai que chega, e a mãe percebe a não reação de Elaine. Exames posteriores confirmam a surdez que, de acordo com os médicos, pode ter sido causada pela ingestão dos antibióticos administrados para combater uma infecção urinária contraída 6 meses antes.

Esse momento foi assim registrado por Elaine:

“Estava ele escute a moto meu pai chagava, eu não escute o moto, depois ela viu como minha filha não escute.

Ela vai conta meu pai como ela não escute. Depois ela vai levar eu precisa médico. Como ela não escute ele falou é verdade ela surdo”.

Como Elaine foi ouvinte por mais de um ano, é possível supor que já se haviam estabelecido os primeiros laços sociais que se dão a partir da interpretação, pelo agente materno, dos sons e gestos emitidos. É a mãe, como Outro primordial,

que tem por função dar o acesso à linguagem e é suporte da identificação especular. Assim, nomeado pela mãe, o corpo desta criança já estava sendo tomado numa estrutura, isto é, já existiam marcas da incidência da voz do Outro.

A partir do diagnóstico, o real da condição da surdez produz um abalo no narcisismo materno, e esta mãe deixa de ser o espelho no qual sua filha podia ver-se. Houve um primeiro momento de paralisação, de descontinuidade, uma escansão, de um "não-saber" diante de uma condição de desconhecimento: "eu fiquei muda", diz a mãe, sabendo que a filha não a podia escutar. Foi necessário que uma outra forma de subjetivação e uma possibilidade de escritura distinta se estabelecesse pois, como diz Piera Aulagnier¹⁴,

"Hay una historia construida y mantenida en la psiquis materna que acoge este cuerpo para unirse a él. Si el Yo anticipado (materno) es un Yo historicizado que inserta de entrada al niño en un sistema de parentesco y con ello en un orden temporal y simbólico, la imagen corporal de este Yo (el del niño) conserva la marca del deseo materno. Pero cuando este outro (padres o madre) permanece ciego o sordo a lo que ocurre al cuerpo del hijo y sus respuestas son inmaduras (como sucede en ciertos padres) se produciría una modificación entre psiquis y esse cuerpo. [...]

Por tanto no podemos pensar el lenguaje como estructura pura sino en la función de la subjetivación en relación al outro. La palabra está ordenada de acuerdo a un funcionamiento simbólico ejercido por el que habla quien intenta hacer participar al outro estableciendo una relación dialética".

Como já visto anteriormente, a psicanálise indica que a estruturação psíquica de um sujeito depende da simbolização que se opera sobre seu corpo por meio do agente materno.

O "não saber o que fazer" desta mãe produz um deslocamento, ou um movimento, que tenta restabelecer a relação com sua filha, isto é, encontrar uma outra forma de supor imaginariamente essa criança em uma nova rede de sentidos que a mãe possa sustentar, garantindo, assim, um lugar para esse sujeito. Supor um lugar é a única forma de introduzir a criança em um funcionamento lingüístico. Para isso, aos poucos, Elaine desenvolve com sua família uma linguagem gestual. É

¹⁴ Aulagnier, P. La violencia de la interpretación. Amorrortu Editores, 1975, p.108.

fundamental pontuar que a presença face a face com o outro semelhante é vital, determinante, pois para o sujeito surdo não há possibilidade de resposta a qualquer apelo fora do alcance do olhar, do gesto, do toque, da imagem. Assim, o surdo estaria condenado a estar sempre sob o olhar do outro.

Este momento do gestual foi atravessado pela oralização, iniciada por Elaine aos cinco anos, paralelamente à sua entrada em uma escola (de alunos ouvintes) para ser alfabetizada. O treinamento fonoarticulatório lhe possibilitaria a leitura labial e a articulação de algumas palavras, o que, na opinião dos especialistas, minimizaria as dificuldades a serem enfrentadas em meio às crianças ouvintes. Aqui comparece a idéia de inclusão, que não considera a diferença e a singularidade do sujeito, homogeneizando tudo o que não se integra. É a idéia, desenvolvida pela ideologia humanista, de que “somos todos semelhantes”, a partir de certos critérios, na tentativa de excluir a diferença e determinando uma visível intolerância em relação às particularidades.

Paralelamente a essa idéia de igualdade, circula um já dito, parte de um discurso cristalizado sobre a surdez, que determina a relação surdez/aquisição da língua portuguesa. A experiência de Elaine mostra que, desde os primeiros anos escolares, as maiores dificuldades eram com a produção escrita e a leitura, o que não foi motivo de estranhamento, pois tais “problemas” eram esperados pelos pais e professores uma vez que se tratava de “deficiente” auditivo. Essa aceitação ou expectativa das “limitações” ou dificuldades de escrita e leitura conduzem à idéia de que tais concepções podem ter sido registradas por Elaine:

“Eu escrever a matemática muito difícil também a professora mantou precisa estudar tabuada.

Quando eu vou fazer a prova muito difícil eu muito nervosa, chorava.

Estava eu estudava na escola Santa Terezinha até a 4^a. série.

Eu queria parar a escola muito difícil”.

Assim, os quatro primeiros anos do ensino fundamental foram terminados em oito anos sem que Elaine tivesse produzido um único texto ou lido um livro. O

português foi somente utilizado em exercícios gramaticais de forma automatizada. Apesar da oralização, que lhe possibilitou a leitura labial e a articulação de um número reduzido de frases e palavras soltas, Elaine privilegiava a linguagem gestual. Ao referir-se a esse período, diz não ter gostado da escola, porque "a professora não olha, tudo muito difícil, escrever, matemática, as palavras".

Posso supor que neste primeiro tempo escolar Elaine não pôde reconhecer-se como parte dessa comunidade, pois o que servia como suporte para a construção de uma identificação era a língua gestual partilhada com os familiares. A escola para ouvintes representaria a perda do significante de identidade. Seria o exílio ao qual está submetido o estrangeiro que, segundo Balbo¹⁵:

"se pretende por vezes interditado do acesso ao lugar da língua que lhe é imprópria no Outro? [...]um tal exílio pode produzir diversos sintomas, marcando a relação do sujeito à língua que ele quer falar, ao saber, ao ideal do eu, à inserção junto aos outros, etc".

A escola para ouvintes e a oralização forçaram a produção de sons, submetendo o corpo a constrições, a um forçamento para entrar na fala. Segundo Bergés & Balbo¹⁶ "tomando a palavra pela coisa, os mudos que aprendem a falar correm o risco de encontrar-se fora da linguagem".

Aos quatorze anos, Elaine passa a freqüentar um curso supletivo para deficientes auditivos que seguia as diretrizes da Comunicação Total. É o seu primeiro contato com outros surdos, com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com a possibilidade de tomar a palavra e não ter mais que ser "traduzida".

A maior parte do grupo não havia sido exposta anteriormente ao funcionamento de uma linguagem oral efetivamente articulada e passou a utilizar os sinais da LIBRAS obedecendo à sintaxe do português o que, no entender dos professores, facilitava o acesso à escrita. Até o final desse primeiro ano havia um uso indiscriminado de sinais, gestos e falas, pois cada aluno tinha uma sinalização particular não havendo o domínio de nenhuma língua.

¹⁵ Balbo, G. (1991) A língua nos causa, La Psychanalyse, n. 10, Association Freudienne Internationale, Paris.

¹⁶ Bergés J. & Balbo G. (1997) A criança e a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, pp.201-203.

Como a equipe de docentes também não conhecia devidamente a LIBRAS, iniciam-se estudos sistemáticos desta língua, dos quais participavam tanto os professores como os alunos, com um instrutor ouvinte, voluntário de uma igreja presbiteriana. A presença desse instrutor foi de grande importância para todos os envolvidos, mas principalmente para os jovens surdos. Flávio era o modelo, o elo entre a surdez e a comunidade ouvinte, a possibilidade de uma língua compartilhada por todos, aquele que sabia sobre eles mais do que qualquer outro: um sujeito suposto saber ou aquele que detinha um saber suposto sobre surdos e ouvintes? Criaram-se grupos que freqüentavam a igreja presbiteriana e que recebiam educação religiosa, e um coral que se apresentava em várias cidades.

Este novo elemento na vida de Elaine provocou mudanças que causaram estranhamento aos seus pais. Ela pertencia a um novo grupo, partilhava com eles uma língua, participava das atividades religiosas e das viagens. Em casa, tornara-se distante e mais agressiva, provocando, como relata sua mãe, mais uma vez, um "não saber o que fazer": uma nova escansão? De acordo com Vorcaro,

“o estranhamento provocado pela língua de sinais no ouvinte impede que a mãe possa reconhecer, nos sinais feitos com o corpo, um texto que deve ser lido, em outro registro, mas no mesmo movimento simbólico da língua oral. Se a mãe não pode localizar-se nesse registro para ela inusitado, a filha também permanecerá estrangeira a ele”¹⁷.

Como acontecera quando da perda da audição, a mãe relembra sua estranheza diante da filha, que começa a falar uma outra língua que ela não compreende. A relação familiar, anteriormente estabelecida, torna-se insuficiente, porque outros interlocutores foram eleitos, pondo em questão a posição dos pais, abalando os laços familiares.

A esse respeito, Bergés & Balbo¹⁸ dizem:

“a boca da mãe se abre, mas fecha-se pela de seu filho. A partir disso, compreende-se que a mãe resista a que seu filho aprenda uma outra língua: pois isso seria,

¹⁷ Vorcaro, A, Não é língua que falta, 2003 (inédito).

¹⁸ Bergés J. & Balbo G.(1997) op. cit., pp.201-203.

fantasmaticamente, como se seu filho encontrasse uma outra boca, uma outra mãe”.

Na escola, entretanto, a entrada da LIBRAS constitui-se como uma disciplina, não sendo partilhada entre professores e alunos. Os gestos e o português sinalizado continuam presentes, configurando um atravessamento de diferentes línguas como se nessa diversidade houvesse qualquer tipo de facilitação. Para Vorcaro¹⁹, tal situação constitui um equívoco que sustentou durante anos a prática do português sinalizado:

“Utilizando os sinais na ordem sintática do Português, criava-se a ilusão de uma terceira modalização da língua portuguesa. Teríamos então o português falado, o português escrito e o português sinalizado.

A esse equívoco somam-se mais três, mas agora um sobre o outro, elevando à terceira potência o problema da educação de surdos. O primeiro é a premissa de que a língua é apenas um meio de comunicação e de que, portanto, basta substituir automaticamente o meio quando um deles se encontra comprometido. [...] Sobre esse equívoco que reduz a língua a um meio de comunicação um outro equívoco se construiu: o de supor uma correspondência termo-a-termo entre oralidade e escrita. Suas diferenças de registro podem ser ingenuamente supostas inexistentes, uma vez que a experiência com ambas cria a ilusão de que se trata da mesma coisa, embora um analfabeto falante não possa dizer o mesmo. [...]

O engajamento corporal que a escrita exige, e dele não pode prescindir, é totalmente distinto da oralidade, visto que o registro é outro e esse registro é determinante no que a língua produz.

Entretanto, foi sobre essa premissa equivocada da equivalência plena entre os sistemas que se edificou o terceiro equívoco: o de supor que o português sinalizado poderia equivar ao português falado. Assim, troca-se a oralidade pela sinalização, tal como se troca um grito de alerta pela agitação de um lenço. Não há sequer a pressuposição de que a operação em jogo é a de transposição de registros, de transliteração, ou seja, uma operação de mudança de sistema lingüístico”.

Esses equívocos justificam o fato de a leitura e a escrita serem ensinadas com a utilização de todos os "dialetos" criados por este meio lingüístico tão variado, e o resultado também faz parte de uma variação que deixa o professor ouvinte diante do ilegível.

A impossibilidade ou o estranhamento causado pela escrita é que me levou a pensar que nela podem estar restos dos diversos momentos em que houve uma

¹⁹ Bergés J. & Balbo G.(1997) op. cit., pp.201-203.

descontinuidade ou uma ruptura na relação do sujeito com uma língua: (1) o reconhecimento do real da surdez e a inscrição significativa pelo gesto; (2) o exílio causado pela oralização; (3) a sistematização do gesto em sinais e (4) o momento da escrita.

Esses momentos serão tomados a partir da seguinte premissa: a estrutura da linguagem, na qual nasce e morre cada sujeito, é atemporal, mas não é assim sua instalação em cada sujeito. Ao longo do tempo, vão se sucedendo implicações do sujeito na estrutura que são qualitativamente diferentes. Então, trata-se de tempos lógicos, mas esse tempo é medido em termos cronológicos. Os tempos lógicos são os mesmos para a constituição de qualquer sujeito, enquanto que os tempos cronológicos são diferentes.

3.1 Sobre o real da surdez o que se pode dizer?

Como já foi dito, existe um discurso, uma rede de linguagem que antecede ao sujeito e que espera por ele. Desde o nascimento, é inserido nesta rede que já o coloca numa posição discursiva. Além disso, o aparelho psíquico vai sendo constituído através das marcas que são possibilitadas pelo agente cuidador, a mãe. Assim, nosso corpo vai sendo inscrito e reinscrito. No caso de Elaine, o diagnóstico da surdez provoca uma escansão, cujos efeitos fazem supor, com base em tudo o que foi teorizado, a construção desse corpo que fala. Se a mãe fica “muda”, algo acontece com a rede significativa em que alocava sua filha, o que obriga os envolvidos a um movimento no sentido de quebrar o silêncio.

Ao tratar do aparelho psíquico, descrevi os registros psíquicos apresentados por Freud na Carta 52 a Fliess. Esse modelo é importante aqui para que se considere que, o que já se inscrevera sofre uma descontinuidade. Qual o destino do que foi inscrito? Fica sob recalçamento? Qual é a importância disso para esse trabalho?

O primeiro registro é o dos signos de percepção e corresponde às primeiras apreensões do mundo pelo sujeito que, segundo Lacan²⁰, são uma primeira organização significativa e aparecem no sistema de defesa, ou seja, não lembramos das coisas que não causam prazer. É daí que parte a noção de defesa, considerando que nem toda defesa é patológica.

Os significantes guardam, em princípio, a possibilidade de serem ou não representados em imagens ou traduzidos em palavras, de ganharem um sentido, ou seja, a percepção de determinado objeto pode cessar, não entrar no campo simbólico, pois algo barrou a passagem desses sinais, bloqueando a função de representação. Esses sinais, portanto, podem não se tornar representação e permanecerem como percepções. Isto quer dizer que no registro das percepções o percebido pode ser evitado e, se evitado, não deixa marca. Este modo de escrita representa um estado primordial, o lugar eleito para aquilo que Lacan chama de forclusão, a *Verwerfung* de Freud.

Assim, mesmo que haja uma reinscrição no segundo registro, nada garante sua passagem para o terceiro registro quando os investimentos serão tornados conscientes, segundo certas regras. Para que um investimento possa atingir a consciência é necessário passar pelas associações verbais, as quais carregam o processo de pensamento para o plano dos processos perceptivos, conferindo-lhes uma realidade e tornando possível sua recordação. Por isso, a consciência é posterior no tempo e é possível graças aos modos de escrita, ou ao primeiro e ao segundo registro. É fundamental que haja um ato do sujeito para que o percebido se torne consciente. Enquanto esse ato não se realiza, a percepção permanece no nível do inconsciente. O significante é, pois, dado primitivamente, mas ele não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar em sua história, o que acontece entre um ano e meio e quatro anos e meio. Durante esse tempo, que corresponde à primeira infância, os resíduos mnêmicos não se traduzem em imagens verbais.

No caso de Elaine, pode-se supor que os sinais de percepção inscritos, enquanto havia audição (período de mais ou menos um ano) e que não se traduzem

²⁰ Lacan, J., (1964) Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Seminário 11, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Antônio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

em imagens verbais, ficaram inacessíveis. Com a perda da audição, a inscrição ocorre não mais através da voz, mas através do corpo, determinando a diferença. Segundo Lacan²¹:

“o significante não pode ser considerado apenas no momento fônico, mas tem que ser também considerado em seu aspecto de escrita. É o que há de letra no significante”.

3.2. Da inscrição significativa

Quando gestos ocupam o lugar da sonoridade, os registros perceptivos ou as marcas significantes convocam o corpo diferentemente. Vale relembrar aqui a questão do sentido, pois, para Freud, a palavra só encontra sentido pela ligação com as associações de objeto, um complexo associativo aberto de representações visuais táteis e acústicas. A representação–palavra está ligada às associações de objeto pela imagem acústica, e os distúrbios da linguagem foram relacionados aos modos de associação dos dois complexos. Então, nos casos de surdez, é possível dizer que a palavra não encontraria sentido, pois não haveria como se estabelecer a associação entre os dois complexos na falta da imagem acústica. Porém, quando Freud faz referência às duas operações que definem a escrita do sonho (distanciamento do valor imagético e deciframento), compreende-se que a cena do sonho evoca os aparelhos de linguagem e de memória sem que haja equivalência do visual sobre o sonoro: o som de uma imagem pode ser lido, assim como uma palavra é um ponto nodal que remete a muitas imagens e significações, que dependem do lugar em que se faz o corte. Imagem e palavras são significantes, na medida em que, através de associações, perdem seu sentido, passando pelo não-sentido para poder dizer outra coisa em outro lugar, em outra combinação, em outro texto, em uma outra cena. Portanto, é possível a construção de sentido fora da fonemática, pois como

²¹ Lacan, J., Seminário da Identificação, lição 6, de 20/12/1961.

lembram Bergés & Balbo²², “não é somente através da orelha que o preço deverá ser pago, mas ao preço do significante engrenado no corpo”.

No mesmo texto, os autores referem-se aos efeitos da desmutização e do que significa a língua de sinais e a relação do significante com o corpo:

“Sobre os surdo/mudos: quando desmutizados, quando os ensinamos a falar pela leitura, não há nenhuma polissemia. A criança surda desmutizada coloca a questão da psicose.

O corpo foi submetido a constrangimentos porque há um forçamento para entrar na fala; enquanto que a partir do momento em que se adota a língua de sinais, utilizou-se não apenas o olhar, mas a gestualidade, o corpo. Não para exprimir. Os surdos-mudos que utilizam a língua de sinais não exprimem nada; com a língua de sinais eles falam. É dizer que eles falam deslocando a zona no corpo engajada na fala, ou seja, da esfera oral para outra coisa: os braços, as mãos, a postura.

O interesse da língua de sinais é de poder tocar do lado do corpo uma inscrição que tem a ver com o significante. É a inscrição significante que pode não ser somente ligada à fonética”²³.

Portanto, mesmo fora da fonemática o corpo do sujeito será marcado pelo significante bastando que a “sonata materna”, que pode ser transmitida pelo toque das mãos, pelo olhar e pelo afago, tenha o corpo do filho como endereço.

A escrita de Elaine está relacionada aos efeitos produzidos por essas marcas significantes. Quando Elaine se põe a escrever, o caminho por ela percorrido, do desenho à escritura, é diferente do percurso suposto no ouvinte. Trata-se aqui de um sujeito, cuja falta do acústico provoca um super investimento no visual, uma erotização maior das regiões do corpo envolvidas com a língua de sinais ou com a leitura labial, possibilitando a produção de sentido.

Na parte em que se fará referência ao momento da escrita, volto a essa questão revendo a hipótese da origem da escrita desenvolvida por Pommier²⁴.

²² Bergés J. & Balbo G.(1996) Do corpo à letra. Transcrição de uma conferência de 01 de outubro de 1994, em Poitiers in *Revue de l'Association Freudienne*: La psychanalyse de l'enfant, n. 20, Paris, nov.

²³ Idem, ibidem.

²⁴ Pommier, G. Naissance et renaissance de l'écriture. Paris: Press Universitaires de France, 1993.

3.3. Do exílio causado pela oralização à língua de sinais

Posso supor que no primeiro tempo escolar Elaine não pôde reconhecer-se como parte da comunidade, pois o que servia como suporte para a construção de uma identificação era a língua gestual partilhada com os familiares. A escola para ouvintes representaria a perda do significante de identidade, como o exílio ao qual está submetido o estrangeiro que, segundo Balbo²⁵ se pretende por vezes interditado do acesso ao lugar da língua que lhe é imprópria no Outro. De acordo com o autor, "um tal exílio pode produzir diversos sintomas, marcando a relação do sujeito à língua que ele quer falar, ao saber, ao ideal do eu, à inserção junto aos outros, etc".

A opção de Elaine pela língua de sinais lhe devolve a palavra, mas desloca o lugar ocupado pela família, colocando (imaginariamente) sua mãe ouvinte em uma condição semelhante a da mãe do imigrante. Sua filha opta por integrar-se em uma língua que lhe é estrangeira, em uma língua que dispensa a oralidade vocal em favor do uso da totalidade do corpo. De acordo com Melman²⁶, os pais correm o risco de não mais serem reconhecidos como pais pelos próprios filhos.

A língua de sinais é tomada como estrangeira para os pais, mas para Elaine é uma outra língua. Qual seria a língua materna para essa criança surda? Como diz Melman²⁷, a língua materna é "aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interdita". A língua materna não é a língua que se aprende com a mãe, mas a língua com a qual o corpo da mãe é necessariamente imaginarizado. Melman diz ainda que:

"é o objeto interdito que torna uma língua materna para nós, fazendo dela o nosso Heim (lar). Ela é a língua do desejo, organizada tal qual o desejo, mas essa organização não garante a expressão desse desejo. Ela é materna, nessa definição, a partir do objeto que ela interdita, isto é, sob a condição de o desejo não ser

²⁵Balbo, G. (1991) A língua nos causa, La Psychanalyse, n. 10, Association Freudienne Internationale, Paris.

²⁶ Melman, Ch., Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país, Contardo Calligares (org.), trad. Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta, 1992, pp. 31-58.

²⁷ Idem, p.32.

reconhecido pelo sujeito, ou seja, de nela faltar justamente o que é “materno” e, por isso mesmo, poder o “sujeito falado por ela”²⁸.

A língua materna, nesta perspectiva, não é objetivável, uma vez que é lugar da alteridade radical do sujeito, e, ao mesmo tempo, o causa. Lacan propõe que se escreva essa língua numa palavra só, “Lalangue”²⁹:

“Lalangue serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de Lalangue, essa Lalangue que eu escrevo numa só palavra para designar o que é a ocupação de cada um de nós, Lalangue dita materna, e não por nada dita assim [...] Numa só palavra, para justamente acentuar os afetos, cujo som é anterior ao sentido [...] Lalangue nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de Lalangue, que já estão lá como saber, vão além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar”

Houve, no caso de Elaine, um momento anterior ao do diagnóstico da surdez, em que ela e sua mãe estavam no jogo da língua. A inserção do gesto e posteriormente da língua de sinais, segundo Vorcaro³⁰, não inauguram uma

“interdição que regula a linguagem maternante, como a língua materna o faz, mas como uma ordem de interdição que opera como uma preclusão: a mãe é interditada, submetida a leis, mas além disso, nem ela nem o pai, nem ninguém que se correlacione à herança transgeracional dessa criança funciona ou opera no cotidiano do laço com o filho, segundo as leis que regulam o sistema da língua de sinais, estabelecendo restrições e possíveis de língua”.

Essas constatações dificultam uma definição quanto à língua materna no caso de Elaine. O que se pode dizer é que a inserção do gesto e mesmo da língua de sinais, apesar do estranhamento inicial da mãe, não impede que ambas continuem circulando na língua estabelecida após o diagnóstico da surdez.

O “momento da escrita”, assim denominado como uma outra escansão na constituição subjetiva de Elaine, mostrará que a condição de estrangeiro, pode estar presente na escrita.

²⁸ Charles Melman, 1992, op.cit., p.15.

²⁹ Jacques Lacan, 1972-3, Mais, ainda. Seminário 20, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de M.D. Magno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, pp.188-90.

³⁰ Vorcaro, A, Não é língua que falta, 2003, inédito.

3.4. Do momento da escrita quando “as palavras não grudam”

Elaine, durante um dos encontros, disse “as palavras não grudam”. “Escutei” que falava de sua relação com a escrita, como uma referência ao corpo e não à estrutura lingüística da escrita(a falta de ligação entre os termos). A língua de sinais, na qual Elaine circula, envolve todo o corpo e os sentidos se produzem na articulação entre os movimentos que desenham um texto espacial e o corpo que lhes faz litoral. A produção escrita cala e convoca o corpo, deixando espaços, provocando interrupções, donde “as palavras não grudam”.

Desde o início da pesquisa o objetivo era pensar na relação de Elaine com a linguagem a partir das produções escritas. “Conversar escrevendo” era a idéia inicial, pressuposta pelo “diário dialogado, compreendida, inicialmente, como a única maneira de “falarmos a mesma língua”. Ponto de partida que se desconstruiria nos primeiros encontros: não haveria uma “conversa”, como eu a concebia, e não “falávamos a mesma língua”. Elaine usava sinais para poder compreender o que lia, como se estivesse traduzindo ou retomando as imagens dos gestos. Eu passava grande parte do tempo tentando fazê-la compreender os textos por mim escritos, estabelecendo associações e substituições e os sentidos produzidos eram, na maioria das vezes, criados pela minha interpretação ou por um desejo de que ali algo estivesse se dando, numa tentativa de preencher minhas expectativas quanto à troca que os diários prometiam.

Essas tentativas só faziam reproduzir aquela “multiplicidade de recursos” utilizados nas instituições de ensino, relatadas nas pesquisas de Souza³¹ e Góes³² aqui apresentadas, o que só ratificou o fato de estarmos circulando em funcionamentos lingüísticos diferentes e que não podiam ser “lidos” um através do outro.

³¹ Souza, M. R. Que palavra te falta: o que o surdo e sua lingua(gem) de sinais têm a dizer à lingüística e à educação. Tese (Doutorado em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

³² Góes, M.C. de. Linguagem, surdez e educação. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

A troca de diários, que pretendia ser um jogo, uma parceria, era regido por regras particulares. Os meus textos significavam aos pedaços e Elaine os tomava construindo outra cena, em outro lugar, ignorando as minhas intervenções e, raramente, me incluindo nos textos ou fazendo-o de forma indireta:

“Mais tarde, eu fazer redação muito difícil.

Eu vou na pé chegou na Lucia. Eu chamava muito você não escutava muito difícil é longe.

Agora vamos começar fazer caderno uma coisa.

Depois, a Lucia vai ajudar meu caderno”.

Como nomear o que me interrogava dentro da relação “corporeidade”? Comecei situando as questões que pareciam manter-se na maioria dos textos.

As dificuldades aparecem nas relações estruturais entre os diversos elementos da língua. É o caso, por exemplo, dos elementos que pertencem à esfera semântica das relações e processos. Esses elementos são justamente aqueles que atuam em pontos do texto, indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem: preposições e conjunções. As preposições indicam aproximação, contato, associação, movimento, adesão, tendências etc., enfim, um verdadeiro sistema de transitividade. Nos textos de Elaine essas “palavras difíceis” ficam estanques, “não grudam”, como fotogramas, sem movimento. Isso me fez lembrar as palavras de Lacan³³ ao referir-se à técnica de Matisse: “*os pequenos toques que chovem do pincel do artista não chegam ao milagre do quadro*”. Essa idéia de fragmentação – já notificada nas pesquisas de Souza³⁴ e Góes³⁵ – se mantém em todos os textos.

Há uma insistência no uso adverbial intensificador “muito” e “bastante” que incidem sobre adjetivos, verbos e outros advérbios, sem uma posição fixa, como se ela explorasse o fato mesmo de o advérbio ser funcionalmente heterogêneo.

³³ Lacan J. (1985) Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por J. Miller, trad. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p.111.

³⁴ Souza, M. R. , 1996, op.cit.

³⁵ Góes, M.C., 1996, op.cit.

Os advérbios de tempo "agora" e "depois" marcam a passagem de um momento para o outro, mas nem sempre indicam temporalidade. Os fatos passados são narrados no presente, em estilo calcado no vivido em que a referência ao tempo desaparece. É o que se percebe neste relato de viagem:

“Eu gosto muito viajam Foz de Iguaçu.

Na viajam conversando bastante assistirmo televisão, bastante bagunsa.

Mas depois eu vou dormir na ônibus muito quente. Mas não dá dormir bem, porque não dá muito vontade dormir.

(...)

Nós chegamos na casa da tia do Flavio.

Todo mundo no convidado para tomar café na casa titia do Flavio.

Depois vamos lá ônibus pouco longe chegam lá igreja eu não conheci a igreja muito bonita”.

Todo mundo vamos passear na cachoreira muito linda.

Bastante passear vamos vi uma coisa uma linda.

Depois eu muito cansada agora chegam lá igreja agora vamos almoçar.

Bem tarde denovo vamos passear bastante coisa muito linda.

Agora chegamos na nós vamos tomar banho depois vamos fazer o coral.

Depois eu vou conversar com meu amigo já era muito tarde, o Flavio falou já está na hora de dormir”.

Este relatar do presente forma cadeias metonímicas num deslizamento do sentido que, segundo Lacan³⁶,

"é o que faz com que literalmente não saibamos onde parar, num momento qualquer dessas frases, tal como as recebemos em seu rigor, para lhes dar seu centro de gravidade, seu ponto de equilíbrio [...] o que se narra é mesmo uma seqüência de acontecimentos cujas coordenadas nos são dadas de maneira absolutamente rigorosa".

³⁶ Lacan, J. (1999) Seminário 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 84.

Elaine escreve com detalhes o que vê do que foi vivido, como se tentasse retratar a completude das cenas, colando todos os pedaços das imagens fotografadas, num gesto sem cortes. O que isso quer dizer?

No título deste trabalho – A escrita em gesto: um caso de surdez – temos a escrita de Elaine “em gesto”. A palavra “*gesto*” não foi empregada aleatoriamente, mas pelo sentido que dela se adota e que justifica o estatuto apontado para a escrita.

Dunker³⁷, no texto sobre uma teoria psicanalítica da ação, que se baseia na oposição continuidade – descontinuidade, coloca que

“o ato, diferentemente do comportamento, sempre toma seu sentido em uma cena, ou seja, em uma *situ-ação*, uma ação em lugar. [...] A passagem ao ato como instante em que o sujeito projeta-se para fora da cena, trazendo consigo um efeito de tragicidade. Finalmente o ato falho como bem-sucedida passagem do espectador a ator. Versões, imaginária (*acting-out*), real (passagem ao ato) e simbólica (ato falho), da descontinuidade em jogo na teoria da ação em Psicanálise”. Contrapondo ato e gesto, o autor diz que “o ato é sempre ruptura, intervalo não antecipável, o mesmo não se pode dizer do gesto. O gesto é contínuo; o ato, descontínuo”.[...] Trata-se de duas formas distintas de fazer, com a linguagem”.

Dunker diz ainda que o gesto traz uma noção de totalidade que pode ser escandida pelo ato. Por essa via, é possível compreender a tentativa de Elaine em trazer a completude das cenas, as imagens aos pedaços, num deslizamento metonímico e contínuo que caracteriza o gesto.

Daí, talvez se possa justificar o fato de não haver separação entre as falas, como se estivesse reproduzindo a interlocução face a face.

“Eu chegar na casa da Lucia, eu pensar minha amiga já chegou na casa dela.

A Lucia falou, você que comer, eu já comi na minha casa.

Eu acho, a Lucia pensa, eu não comer aqui. Me desculpe.

Mas a Lucia vai ver meu caderno, como ela saber, você escreveu sozinha.

Porque meu irmão vai ajudar só pouquinho.

Eu risada muito, ela é muito legal.

É verdade eu não sei fazer como escrever é difícil.

³⁷ Dunker, C.I.L.(2003) As escansões do gesto: esboço para uma teoria psicanalítica da ação, in Leite, N.V. (org.), Corpolingagem: gestos e afetos, Campinas: Mercado Letras, pp.31-38.

Agora a Lucia está diferente, porque ela esta alegria é hoje”.

É possível pensar que, nesta situação, a língua portuguesa é tomada numa relação termo-a-termo, ou seja, um significante para cada significado, um gesto (ou sinal) para cada coisa, e o que se tem são expressões fechadas em significante/significado - signos que representam alguma coisa para alguém, sugerindo a condição inicial da criança, na sua alienação ao desejo do Outro.

O que Elaine produz é uma escrita que resiste a significar-se como texto, ainda que capaz de despertar possibilidades de sentidos. Esse suposto sentido, pode fazer parte do desejo do leitor em ali atribuir um não dito.

Por um lado, é possível pensar que, para permanecer alienada no desejo do Outro Elaine repete o gesto do ouvinte que escreve, os traços, os desenhos das letras, para realizar uma tarefa, sem que se possa supor aí um sujeito. Mantém, dessa forma, a mesma posição do estrangeiro, que como diz Melman³⁸,

“está exilado e o retorno do recalcado na língua estrangeira não poderá mais ser escutado como a expressão de um desejo, mas apenas como a expressão de erros gramaticais, sintáticos lexicais, etc.[...] Mas encontra-se assim tomado em uma língua onde a expressão do desejo encontra-se deste modo difícil de ser percebida e onde é a demanda e a necessidade que se encontram de alguma forma organizando a relação social, creio que isso pode, ao mesmo tempo, arrastar com um arrebatamento em direção à simplicidade e mesmo à transformação da palavra em signo”.

Por outro lado, há uma profusão de imagens que os textos de Elaine suscitam e que podem estar relacionadas à movimentação corporal implicada na língua de sinais e, principalmente, à uma forte impregnação imaginária a que os surdos estão submetidos. É a fascinação exercida pela imagem que barra o acesso à letra, pois como diz Pommier³⁹:

"a escrita e a leitura reclamam uma colocação em ato do recalque sem o qual aquele que vê os signos permanecerá ligado à sua forma e não chegará, consequentemente, a destacar um valor literal que subsiste somente em seu

³⁸ Charles Melman, 1992, op.cit., pp. 45-48.

³⁹ Pommier, G. (1993). *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris Press Universitaires de France, p.203.

apagamento (...) A escrita se funda sobre o apagamento da sua própria origem gráfica da mesma maneira que o recalque concerne a imagem do corpo próprio".

É esse apagamento que está sendo questionado quando se observa a escrita de Elaine. Como já foi dito, na surdez há uma impregnação visual fatal, uma necessidade constitutiva da presença do outro semelhante - sua boca, seus gestos, seu corpo - tornando o descolamento da imagem muito difícil. Quando Elaine faz leitura labial, o que faz sentido advém do que se escreve para além dos movimentos articulatórios. O que não se compreende está vinculado à imagem ou ao desenho da boca que fala. Assim, ao escrever pode estar inscrevendo esse movimento. O que do gesto(imagem) não foi apagado não aparece grafado, e isso não se constitui em empecilho para que ela compreenda ou dê sentido ao que escreve, pois ao ler seu escrito, ela preenche as faltas sinalizando.

Se Elaine desenha a letra, repetindo o gesto do ouvinte que escreve, esse desenho (transcrição do gesto do ouvinte?) poderia ser tomado como ponto de origem, objeto, referente e como tal permanece (ou sofre um apagamento parcial) não permitindo o aparecimento do significante. Assim, não haveria uma transliteração possível.

Se, como diz Pommier, a escrita se funda sobre o apagamento da sua própria origem gráfica, Elaine não faz esse apagamento, mas reproduz, transcreve o desenho da letra. Com essa presença do objeto, a relação que se dá é entre o simbólico e o imaginário sem uma passagem pelo real da letra, sem uma passagem para o ato.

Para aceder ao sentido, segundo Bergés & Balbo,

"é preciso deixar cair letras e essas letras que caem, para dar sentido, essas letras que o leitor não deve conhecer para compreender evocam aquelas que no inconsciente fazem com que saibamos aquilo que não acreditamos saber. No inconsciente, essas letras haviam sofrido um recalque, uma exclusão, uma rejeição. Na leitura confrontamo-nos com o real da letra, temos que superar a exclusão dessas letras caídas, mas inscritas, e que se voltassem constituiriam o retorno do recalcado. A perda pelo lado da leitura e o recalque pelo lado da escrita⁴⁰".

⁴⁰ Bergés J. & Balbo G.(1997) A criança e a psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, pp.201-203.

Elaine escreve, alienada a demandas, respondendo à uma expectativa do discurso do ouvinte sobre a necessidade e importância da escrita desta outra língua que lhe garantiria um lugar.

Com fragmentos do que lê nos meus textos, Elaine tenta (re)construir cenas vividas, mas o que grafa é o produto de todo um processo anterior ao “desenho” das letras. Refiro-me ao que acontece no momento intervalar: entre a leitura do que foi por mim escrito e o momento do que ela escreve. Neste intervalo Elaine sinaliza, escrevendo um texto no espaço, e o resultado é o impossível de uma transposição de um registro para outro, de uma transliteração.

O sujeito que ocupa um lugar neste intervalo não se inscreve no momento seguinte. Elaine foi capturada pela língua de sinais e fora desse **ato** de escrita o que se tem é o produto de um funcionamento sem significante do desejo, portanto essa escrita é uma “escrita em gesto” e não um lugar de inscrição subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta reflexão, várias foram as questões que me colocaram em movimento, embora muitas delas tenham me deixado completamente “muda”.

Após ter tomado o sujeito como efeito de linguagem, cujo corpo é tatuado pelo que lhe dita o Outro, posso arriscar algumas considerações sobre o que motivou todo esse percurso: a “estrangeiridade” sugerida pelos textos de Elaine.

As respostas já estavam sendo postas, antes do nascimento de Elaine em um discurso que a precede e que constitui o Outro da linguagem, um universo lingüístico: o discurso da história sobre a surdez, o discurso médico, o discurso pedagógico, a fala dos pais.

A passagem pela história dos ditos sobre a surdez evoca a questão das imposições sobre o corpo. Com a oralização institui-se o aprisionamento do corpo em nome da primazia do som, o que produz um super-investimento somente das regiões envolvidas na fala. Considerando a falta de resultados efetivos, a Comunicação Total inaugura uma fase em que tudo é permitido levando o corpo a uma mistura de ritmos difícil de acompanhar, mesmo porque alguns movimentos são incompatíveis.

A língua de sinais viria para solucionar todos os impasses. Para as mães surdas com filhos surdos, o ritmo é o mesmo, e os passos não são desordenados. Mas, a maioria das crianças surdas tem suas mães ouvintes, e a música cantada pela mãe não pode ser ouvida da mesma maneira.

As pesquisas aqui referidas mostram as dificuldades enfrentadas pelas crianças surdas nas instituições educacionais, em que a maior delas é a aquisição da escrita da língua portuguesa. A interferência da língua de sinais assim como todos os outros registros a que o surdo é exposto são apontados como a causa central de características muito semelhantes entre os textos. O que **fazer**?

Não foi para responder a esta pergunta que elaborei esta pesquisa, mas para levantar a possibilidade de que o que se tem nesta escrita é efeito de uma estruturação psíquica que não tem relação direta com a surdez ou com as abordagens de ensino. Essa estrutura psíquica ou a estruturação do sujeito acontece na relação com o Outro que determina a entrada da criança na linguagem.

A passagem pela teoria freudiana da linguagem indica como é possível que essa estruturação se dê fora da fonemática, tomando o corpo como receptáculo na relação com o Outro que sobre este corpo escreve diferentemente.

Foi possível apreender que nos diferentes momentos da vida de Elaine, em que entram outros registros, as escansões produzidas determinam o que vai se constituir como marca significante e o que não vai ser reinscrito e, portanto, não recuperado pela memória. Das percepções dos primeiros meses de escuta, é possível dizer que não se traduzem em palavras, portanto são barradas e perdem a função de representação.

De uma linguagem centrada no gesto, desenvolvida e partilhada com a família por cinco anos, Elaine entra em uma escola para ouvintes e começa a ser oralizada. Assim, este novo registro provoca uma escansão que se repete quando, na adolescência, Elaine opta pela língua de sinais cujo efeito é um estranhamento por parte da família. A partir daí, ela ocupa um lugar semelhante ao do estrangeiro na língua portuguesa, na escrita. O que isso quer dizer? Para responder, vale repetir as palavras de Melman¹ sobre a relação do estrangeiro com a língua:

“[...]está exilado e o retorno do recalcado na língua estrangeira não poderá mais ser escutado como a expressão de um desejo, mas apenas como a expressão de erros gramaticais, sintáticos lexicais, etc.[...] Mas encontra-se assim tomado em uma língua onde a expressão do desejo encontra-se deste modo difícil de ser percebida”.

Não sendo tomada por essa língua, Elaine repete o gesto do ouvinte e executa uma tarefa.

¹ Melman, Ch., Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país, Contardo Calligaris (org.), trad. Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta, 1992, pp.45-48.

A hipótese de Pommier², sobre a origem da escrita, aponta para a relação entre a letra no inconsciente e a escritura, o que sustenta minha hipótese de que a estrutura psíquica do sujeito se inscreve na escrita. Isto que se inscreve diz da relação do sujeito com a língua.

Essa relação é, na surdez, marcada pela pregnância do visual na constituição do sentido, revelado pela profusão de imagens que os textos suscitam e que dificultam o acesso à letra, pois como se viu em Pommier³, a origem da escrita se funda sobre o apagamento da sua própria origem gráfica: o desenho, a imagem da letra. Se é preciso que a imagem do objeto se apague para que surja a letra e se o visual é fatalmente determinante, não há como o sujeito surdo safar-se dos efeitos que essa condição impõe. O que não significa, na surdez, o sujeito estar impedido de escrever, mas, ao contrário do ouvinte, ele pode ultrapassar ou não o registro das imagens, ou ainda, fazê-lo apenas parcialmente.

Por tudo que foi dito, é importante reafirmar que é apenas na singularidade que se pode dizer qualquer coisa sobre o sujeito, porque cada um constitui-se de forma única. Diz Melman:

“[...]qualquer que seja, enfim, sua história e sua relação com a língua ou com as línguas que puderam organizar a sua infância - , o inconsciente funciona como uma língua interditada, e a expressão mais manifesta deste interdito repousa nisto: o sujeito não pode articular plenamente o desejo que é inerente, que é veiculado por esta cadeia, que é constitutivo desta cadeia.

Quer dizer que para cada um, qualquer que seja sua história lingüística, o inconsciente será sempre interpretado como se houvesse uma língua original que tivesse permitido esta transparência perfeita, ou seja, a articulação do desejo, mas que algum acidente produziu um impedimento. A partir de então, esta língua tornou-se a língua de um sujeito acometido de mudez quanto à expressão do desejo, e este desejo não pode mais se exprimir a não ser pelos acidentes e caprichos”⁴.

Antes de tomar a caneta nas mãos, Elaine escreve um texto no espaço, mas, no papel, desenha em gesto. No texto há um sujeito em ato, mas ausente no gesto.

² Pommier, G. Naissance et renaissance de l'écriture. Paris: Press Universitaires de France, 1993.

³ Idem, ibidem.

⁴ Idem, p.50.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, J. **Letra a Letra**: transcrever, traduzir, transliterar, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

ASSOUM, P. L., (1993) **Metapsicologia Freudiana: uma introdução**, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

Aulagnier, P. **La violencia de la interpretación**. Amorrortu Editores, 1975.

BALBO, G. (1991) **A língua nos causa**, La Psichanalyse, n. 10, Association Freudienne Internationale, Paris.

BELLUGI, U.; E. KLIMA. The roots of language in the sign talk of the deaf, **Psychology Today**, 1972.

BERGÉS, J.; BALBO G. **A criança e a psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERGÉS, J.; BALBO, G. **Do corpo à letra**. Transcrição de uma conferência de 01 de outubro de 1994, em Poitiers, **Revue de l'Association Freudienne**: La psychanalyse de l'enfant Paris, n. 20, nov. 1996.

_____. **A atualidade das teorias sexuais infantis**. Porto Alegre: CMC Editora, 2001.

BILLERBECK, L.M. **Manifestações do sujeito: uma análise discursiva de diários dialogados em LE**. Campinas, 1995. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas: São Paulo, 1995.

BOYES - BROEM, P. (1973) A study of the acquisition of DEZ in ASL, Working Papers, Salt Institute for Biological Studies, La Jolla.

CALLIGARIS, C. Sociedade e Indivíduo. In Fleig, M. **Psicanálise e Sintoma Social**, São Leopoldo: Unisinos, 1997.

CHEMAMA, R. (org.) **Dicionário de Psicanálise**, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

CORIAT, E. De que se trata...uma criança? In: **Congresso Internacional de psicanálise e suas conexões**, tomo 1, Escola Lacaniana de Psicanálise, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

COSTA, A. M., da **Algumas reflexões sobre a inscrição da letra**. In Leite, N.V. (org.), *Corpolinguagem: gestos e afetos*, Campinas: Mercado Letras, 2003.

Dunker, C.I.L., **As escansões do gesto: esboço para uma teoria psicanalítica da ação**, in Leite, N.V. (org.), *Corpolinguagem: gestos e afetos*, Campinas: Mercado Letras, 2003.

FINK, B. **O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo**, trad. de Mirian Aparecida Nogueira Lima, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREUD, S., (1891) **A Interpretação das Afasias**, trad. de Antônio Pinto Ribeiro, introdução de Armando Verdiglionem Lisboa: Edições 70, 1977.

Freud, S., (1893-5), **Estudos sobre histeria**, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895), **Projeto para uma Psicologia Científica**, ESB, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1886-99) **As neuropsicoses de defesa**, ESB, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1910), **O sentido antitético das palavras primitivas**, ESB, v.13, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914), **Sobre o Narcisismo**: uma introdução, ESB, v.14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1919), **O Estranho**, ESB, v. 17, Rio de Janeiro: Imago, 1966.

_____. (1920), **Além do Princípio do Prazer**, ESB, v.18, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, Sigmund: **Carta 52**, em *Obras Completas*, Ed. Biblioteca Nuova, Madri.

Garcia-Roza, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**, vol 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

GLASS, M.H.F. **Problemas de Coesão na Produção Textual do Surdo: Interferência das Língua(gens)s de Sinais?** Campinas, IEL, Unicamp, 1997.

GÓES, M.C. de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001, p.2591.

JERUSALINSKY, A . **Seminários I** – Seminários proferidos no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, nos dias 19 de março, 23 de maio e 11 de junho de 2001.

KAUFMANN, P. (org), **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KREEFT, P. J. What is a Dialogue? **Dialogue** 2, no.1, 1984.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. "O seminário sobre 'A carta roubada'". In: **Escritos**. Trad, de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. 1972-3, Mais, ainda. **Seminário 20**. Texto estabelecido por J-A Miller, tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. L'Identification, seminário inédito. [Nota da autora]

LACAN J. (1963-64) **Seminário 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por J. Miller, tradução. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

_____. **Seminário 3**: As Psicoses. Texto estabelecido por J. Miller, trad. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. (1901-1981). "Função e campo da fala e da linguagem". In: **Escritos**. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. "Conférences et entretiens".

_____. (1959-60), **Seminário 7**: A ética da psicanálise. Texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Antônio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. **Seminário da Identificação**, lição 6, de 20/12/1961.

_____. (1964) Seminário 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Antônio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

_____. (1999) **Seminário 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LAZNIK-PENOT, M.C.(1997) **Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise**. São Paulo: Escuta.

LECLAIRE, S. **Psicanalisar**. 2^a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

LEITE, N. V. Sobre a Singularidade. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, no.38, Campinas: São Paulo, 2000.

_____. A lingüística e outros saberes: In: **A lingüística interrogada pela psicanálise**. Trabalho apresentado no GEL, 1999.

Masson, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess** – 1887 1904. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MAURANO, D. **Para que serve a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MELMAN, Ch. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. In: CONTARDO CALLIGARES (Org.). Tradução de Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta, 1992.

MEYNARD, A. **Quand les mains prennent la parole**. Paris, Erès, 1995.

MORAES, M.R. **Materna/Estrangeira: o que Freud fez da língua**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: 1999.

PEREIRA, M.C. **Interação e Construção do Sistema Gestual em crianças deficientes auditivas filhas de pais ouvintes**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1989.

POMMIER, G. **Naissance et renaissance de l'écriture**. Paris: Press Universitaires de France, 1993.

RABINOVITCH, S., **A foraclusão: presos do lado de fora**., trad. de Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SACKS, O. **Vendo Vozes** - Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Ed. Mediação, 1998.

SOUZA, M. R. **Que palavra te falta:** o que o surdo e sua lingua(gem) de sinais têm a dizer à lingüística e à educação. Tese (Doutorado em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

STOKOE, W.C. **Sign Language Structure.** Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

TERVOORT, R. T. Esoteric Symbolism in the communication of young deaf children. **American Annals of the deaf** 106, 1961.

VERAS, V. **A Inter-Dicção do Singular, Cadernos de Estudos Lingüísticos,** no.38, Campinas: São Paulo, 2000.

VORCARO, A. **Crianças na Psicanálise:** clínica, instituição, laço social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

VORCARO, A,(2001) **O organismo e a linguagem maternante:** hipótese de trabalho sobre as condições do advento da fala e seus sintomas.(inédito)

_____. **Não é língua que falta.** 2003 (inédito).

WEILL, A. D. **Invocações:** Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

WILBUR, R. E M. JONES)Some aspects of the bilingual/bimodal English by three hearing children of deaf parents. **Papers from the 10th regional meeting.** Chicago, Linguistic Society, 1974.

ANEXO

Este ANEXO contempla alguns textos produzidos durante as atividades com o “diário dialogado” realizadas entre a pesquisadora e o sujeito da pesquisa (Elaine).

T1 (4/05/95)

ELAINE,

Meu nome é Lúcia e estou estudando sobre a escrita de pessoas surdas.

Você poderá escrever o que quiser sobre qualquer assunto. O importante é que você escreva uma vez por semana (pode escrever mais se quiser) e eu vou responder. É importante que você saiba que não vou dar nota ou corrigir o que você escrever. Não se preocupe quando tiver dúvidas ou não souber como escrever alguma coisa.

A sua participação é muito importante, porque vou estudar e escrever sobre sua escrita.

Para começar nossa conversa, vou contar um pouco sobre mim.

Nasci em Florianópolis e vivi naquela ilha linda até casar e mudar para Ponta Grossa. Tenho três filhos, sou professora de inglês e português.

Agora, você já sabe um pouquinho de mim. Espero que a idéia de escrevermos uma para a outra seja legal para você também.

Um abraço,
Lucia.

(Elaine)

Eu gosto muito estudar,
mas gosto de matemática
é fácil muito estudando
bastante.

A professora ensinou muito alunos para a escola.

Eu vou na escola, mas 5 dias para aula para aula porque eu vou fazer mais rápido a matemática.

As pessoas não sabem a palavras muito difícil, depois ela vai chamar a professora. Depois acaba o módulo de matemática, fazer trabalho de matemática.

Agora, eu vou estudar bastante, depois vou fazer a prova.

Porque a professora muito ensinou para alunos mas aprender fica muito itilegente.

T2. (18/05/95)

Querida Elaine,

É bom saber que você gosta muito de estudar. Eu também gosto de matemática, por isso fiz dois anos de engenharia, mas aqui em Ponta Grossa não pude terminar o curso.

Acho que você gosta mais de matemática do que das palavras. Estou certa? Você acha que usar as palavras é mais difícil do que fazer contas?

Tenho certeza que você vai fazer uma boa prova e vai aprender tudo que quiser.

Vou gostar de escrever para você todas as semanas e também de receber suas respostas. Assim, vamos poder contar novidades uma para a outra.

No domingo vou viajar para São Paulo. Eu estudo numa universidade em Campinas. Depois conto como foi a viagem.

Um beijo

Lucia

(Elaine)

Eu gosto muito viajam Foz de Iguaçu.

Na viajam conversando bastante assistirmo televisão, bastante bagunsa.

Mas depois eu vou dormir na ônibus muito quente. Mas não dá dormir bem, porque não dá muito vontade dormir.

Porque eu queria conversar tudo amigo dá hora muito madrugada.

Eu levante muito cedo 7:00 hrs.

Nós chegamos na casa da tia do Flavio.

Todo mundo no convidado para tomar café na casa titia do Flavio.

Depois vamos lá ônibus pouco longe chegam lá igreja eu não conheci a igreja muito bonita.

Todo mundo vamos passear na cachoeira muito linda.

Bastante passear vamos vi uma coisa uma linda.

Dpois eu muito cansada agora chegam lá igreja agora vamos almoçar.

Bem tarde denovo vamos passear bastante coisa muito linda.

Agora chegamos na nós vamos tomar banho depois vamos fazer o coral.

Depois eu vou conversar com meu amigo já era muito tarde, o Flavio falou já está na hora de dormir.

T3 (29/10/97)

Elaine,

O que você andou fazendo nesta semana?

Lucia.

(Elaine)

1º. Curso

Flavio quer esconder surdo só dois eu e Tereza, precisa aprender curso qual você gosta cabeleleira ela também.

Depois qualquer dia nós vamos junto lá curso Senac, porque o Flavio quer conversar a Mulher não precisa pagar curso eu não sei, eu e Tereza não precisa pagar só graça, depois ela falou hoje não só segunda-feira vai começa lá curso Sinac.

A professora vai insinar como fazer um livro, depois primeiro ler, responder, eu não gostei nada, eu não conhecer para todos, depois eu sentado perto dela, eu e dicifil fazer responder ela quer ajudar para mim vai coisa igual dela a professora sabe eu não sei.

Oh! Flavio, eu não quero mais curso é dificil muito chato, ele falou alma Elaine não fiquei nervosa, mas só dois semana.

Eu não lembro vai começa curso cabeleleira eu estou muito feliz agora.

Outra professora ela falou, precisa primeiro fazer aprender unhas, eu já aprendeu fazer unha muito demar, mas muito chata.

A professora dizer precisa você esconher qualquer pessoas, mas ela quer ver prova dá bom ou não dá bom, porque eu muito demorar, agora acabou unhas graças a Deus eu não gosto muito unhas.

Agora vai começar curso cabeleleira, a professora fazer o cabelo reflexo, cada um fazer o cabelo, eu muito nervosa, porque todo ver para mim fazer o cabelo dela.

Eu nunca aprender o cabelo, mas a professora chamar cada um fazer o homem ele quer máquina, eu tenho medo, porque a máquina tem balhunho.

Eu já aprendeu como fazer corte o cabelo, porque eu quero chama a professora dá bom o cabelo.

Eu já aprender o cabelo bastante coisa, traça, tinta, permanente, corte, escova, banho de creme, reflexo etc...

Eu adoro aprender curso lá muito maravilhoso muito coisa fazer não para, muito casanda, a professora não deixar para alunos senta a cadeira só pe sempre todo dia 1 hora até 5 hora, depois eu gosto muito alunos muito simpática todo mundo quer ajudar eu e Tereza muito coisa também conversar muito entendido coisa fala, minha amiga não entendido mas é dificil só eu fala pra ela, por desobedecer ela muito legal também junto ela.

Meu amigo querer aprender sinais muito simpático ele nunca esquece sinais, mas ele quer sempre junto eu e Tereza, porque eu sei ele vontade conversar sinais todo dia, eu acho ele muito junto nós quer ajudar uma coisa também reunião, mas eu e Tereza não sabe nada porque a professora fala rápida, depois eu falei ele como ela

falou ele falou uma coisa nós falar fofoca muito fundo a professora fico braba a nós, a alunos fico queda.

Na escola muito lugar precisa aprender cabelo, muito criança, homem, mulher, eu gostei corte o cabelo, mas tem muito piolho, precisa fala ela tem piolho, depois a professora fazer papel cada um nome tem piolho, depois fala a mãe seu filho tem piolho.

Qualquer dia curso Sinac, mais depois ela quer lavar meu cabelo dá bom, agora eu não saiba ela falou você tem piolho eu estou vergonha, porque eu sei outra escola muito criança pela meu cabelo.

Agora final o curso vai começar festa só alunos também familiar muito especial, nós fico feliz, agora eu lembre sempre junto muito legal a professora vai dar diploma cada um muito felizes, agora eu quero abraço todo meu alunos também professora agora final.

T4 (30/10/97)

Querida Elaine,

Como está você hoje? Eu estou bem, mas um pouco cansada.

Fui para Campinas e estudei muito.

que você fez durante a semana? Vou gostar de saber.

Um beijo, Lucia.

Lucia

(Elaine)

Você vontade aprender sinais alma, nós ensinar você sabe pouco.

Você gosta ajudar para nós precisa ensinar.

Você penso nós não veio sua casa, você muito feliz. Eu gosto muito de você bem educada muito simpática você muito linda.

Eu veio primeira vez sua casa, mas eu gostei muito.

Eu aprendeu pouco é difícil. Mas eu escreveu diferente muito errado.

Eu sei você difícil fala uma coisa.

T5 (6/11/97)

O que você fez hoje?

Lucia

(Elaine)

Eu está dormindo minha mãe quer chama e eu levantar já 9:00 horas.

Eu já levantar, depois tomar café muito bom.

Eu quero lavar louça só pouco.

Depois, minha amiga entrou minha casa. Ela quer mostrar calcinha você quer comprar calcinha. Eu não quero comprar outro dia.

Depois, minha mãe quer chamou eu me ajudar comida.

Mais tarde, eu fazer redação muito difícil.

Eu vou na pé chegou na Lucia. Eu chamava muito você não escutava muito difícil é longe.

Agora vamos começar fazer caderno uma coisa.

Depois, a Lucia vai ajudar meu caderno.

T6 (23/03/98)

Elaine,

Como era a sua escola?

Lucia.

(Elaine)

Na escola

Antigas eu tinha 3 anos estava surdos mas minha mãe não sabe, depois eu e meu irmão brincava muito coisa.

Estava ele escute a moto meu pai chagava, eu não escute o moto, depois ela viu como minha filha não escute.

Ela vai conta meu pai como ela não escute. Depois ela vai levar eu precisa médico. Como ela não escute ele falou é verdade ela surdo.

Eu precisa ir a escola só surdo, a professora ensinar para alunos.

A professora ensinar falar devagar precisa aprender todo dia.

Eu aprender falara também escrevi palavra.

Depois, eu crescendo na escola a professora ensinar bastante também escreve matéria.

Agora, eu estudar na escola manhã surdos, depois a tarde outra escola só ouvir.

Na c6legio muito legal, mas a professora ensinar para alunos.

Eu escrever a matemática muito difícil também a professora mantou precisa estudar tabuada.

Quando eu vou fazer a prova muito difícil eu muito nervosa, chorava.

Estava eu estudava na escola Santa Terezinha até a 4^a. série.

Eu queria parar a escola muito difícil.

Quando a conhece CES eu comecei na 4^a. série a professora ensinar alunos. Depois eu passar 5^a. série eu comecei pegar a matemática muito difícil, a professora explicar como a matemática, eu entender muito é fácil.

Eu comecei a matemática e agora fazendo o português.

Eu gostaria a professora explicar a matéria.

Eu estou muito feliz vai terminar este ano 1^o. grau.

T7 (6/04/98)

Elaine,
Como vai ser a sua Páscoa?
Lucia

(Elaine)
A Páscoa

Eu gosto muito da Páscoa é gostosa.
Eu vou da a Páscoa da minha amiga ela também dá para mim.
Por que dia da Páscoa todos comprar a Páscoa crianças, famílias, amigos, namorado etc...
Eu sei como meu namorado não gosta da Páscoa.
Eu como vou da meu namorado é difícil.
A Páscoa muito diferente agora está muito feliz.
Jesus está feliz na festa Páscoa no dia 12 de abril.
Todos pessoa gosta muito a Páscoa porque ela lembrar antes 97 agora fiquei diferente outra vez dá a Páscoa muito feliz.

T8 (20/04/98)

Elaine,
Escreva sobre alguma coisa que você não gosta.
Lucia.

(Elaine)

Quando eu estava junto minha prima, ela é legal.
Eu conversar minha prima mas ela também conversar bastante.
Mas agora eu conversar bastante com ela. Depois minha prima não conversar nada comigo.
Quando dia eu vou passear casa dela. Eu não vou mais conversar minha rima.
Eu acho minha prima não quer conversar comigo.
Eu não gosto muito minha prima é muito metida.
Família dela também muito metida, porque toda quer copiar igual conversar metida.
Eu detesto mais passear casa dela faz tempo.
Porque, eu foi na casa da minha prima, ninguém conversar de mim.

T9 (4/05/98)

Elaine,

Como você está hoje?

Lucia.

(Elaine)

Eu chegar na casa da Lucia, eu pensar minha amiga já chegou na casa dela.

A Lucia falou, você que comer, eu já comi na minha casa.

Eu acho, a Lucia pensa, eu não comer aqui. Me desculpe.

Mas a Lucia vai ver meu caderno, como ela saber, você escreveu sozinha.

Porque meu irmão vai ajudar só pouquinho.

Eu risada muito, ela é muito legal.

É verdade eu não sei fazer como escrever é difícil.

Agora a Lucia está diferente, porque ela está alegre hoje.